

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE SECRETARIADO EXECUTIVO

Tallita Pereira Silveira

COWORKING: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

São Cristóvão, SE
2018

Tallita Pereira Silveira

COWORKING: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Secretariado Executivo, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Secretariado Executivo**.

Orientador: Prof. Mc. Abimael Magno do Ouro Filho

São Cristóvão, SE
2018



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CONSELHO DO ENSINO, DA PESQUISA E DA EXTENSÃO

RESOLUÇÃO Nº 146/2009/CONEPE


ANEXO V

ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 21 dias do mês de Febrero do ano de dois mil e doito reuniu-se a banca examinadora composta pelo(a) professor(a) Abimael Magro do Vale Filho orientador(a), do Departamento de Secretariado Executivo, pelo(a) professor(a) NATHALIA CARVALHO MORGIRA, do Curso de Secretariado Executivo, e pelo(a) professor(a) SILVIA REGINA PAVERCHI, do Curso de Secretariado Executivo, para examinar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado CO-WORKING: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

do(a) aluno(a) TALLITA PEREIRA SILVEIRA, Matrícula nº 203280029344. Os membros da banca reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela aprovação da Monografia com a nota 10,0. A ata foi datada e assinada pelos examinadores.

Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, 21 de Febrero de 2018.


Professor (a) Orientador (a)


Professor (a) Convidado (a)


Professor (a) Convidado (a)

RESUMO

COWORKING: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

AUTORA: Tallita Pereira Silveira

ORIENTADOR: Abimael Magno do Ouro Filho

Este trabalho propôs despendar um olhar científico sobre o *coworking*, um espaço de trabalho compartilhado por profissionais independentes e remotos. Trata-se de um fenômeno presente há alguns anos e crescente em números por várias cidades em diferentes nações, porém novo para a ciência (SPINUZZI, 2012; CAPDEVILA, 2014a e 2014b; GERDENITSCH et al., 2016). Neste contexto, foi desenvolvido um estudo bibliográfico, por meio de revisão sistemática, em que a bibliometria foi aplicada para análise de dados, com abordagem quantitativa e qualitativa, de caráter exploratório e descritivo. Neste levantamento, a maioria das obras localizadas foi de origem europeia, com abordagem qualitativa e natureza exploratória e descritiva. Em relação aos conceitos, teorias e resultados uma diversidade de dados foi observada entre os estudos selecionados. Sobre a possível relação entre secretariado executivo e *coworking*, percebem-se pontos comuns na literatura dos temas. Para as possíveis dificuldades relacionadas à rotina do secretário remoto, os espaços *coworking* podem proporcionar as soluções. Sugere-se, para pesquisas futuras, estudo referente à produtividade dos usuários do *coworking* e investigação referente à questão da sustentabilidade financeira desses lugares.

Palavras-chave: *Coworking*. Espaço de trabalho compartilhado. Secretariado Executivo.

ABSTRACT

COWORKING: A SYSTEMATIC REVIEW

AUTHOR: Tallita Pereira Silveira

ADVISOR: Abimael Magno do Ouro Filho

This paper proposed to take a scientific look at coworking, a work space shared by independent and remote professionals. It is a phenomenon present for some years and growing in numbers by several cities in different nations, but new to science (SPINUZZI, 2012; CAPDEVILA, 2014a e 2014b; GERDENITSCH et al., 2016). In this context, a bibliographic study was developed, through a systematic review, in which bibliométricos was applied for data analysis. With a quantitative and qualitative approach, exploratory and descriptive. In this search, most of the localized works were of European origin, with qualitative approach and exploratory and descriptive nature. Regarding the concepts, theories and results a diversity data was observed between the selected studies. On the possible relationship between executive secretariat and coworking, common points are found in the literature of the themes. For possible difficulties related to the routine of the remote secretary, the coworking spaces can provide the solutions. It is suggested, for future research, a study on the productivity of users of coworking and research on the question of the financial sustainability of these places.

Keywords: Coworking. Shared workplace. Executive Secretary.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Exemplo de classificação 01	23
Quadro 02 - Exemplo de classificação 02	23
Quadro 03 - Exemplo de classificação 03	24
Quadro 04 - Filtro 01	34
Quadro 05 - Filtros 01 e 02	35
Quadro 06 - Resultado Geral	35
Quadro 07 - Quantitativo por ano.....	36
Quadro 08 - Publicação dos artigos	38
Quadro 09 - Objetivos e Métodos dos artigos	41
Quadro 10 - Principais resultados	52

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Formas de Atuação do profissional de Secretariado Executivo	21
Figura 2 - Nuvem de Palavras	36

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Produção por país	37
--	-----------

LISTA DE SIGLAS

ABW – ACTIVITY BASED WORKING

EUA - ESTADOS UNIDOS DA AMERICA

RS – RIO GRANDE DO SUL

UFS - UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

4 GAT - QUARTA GERAÇÃO DA TEORIA DA ATIVIDADE

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA	12
1.2 OBJETIVOS	13
1.3 JUSTIFICATIVA	14
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	15
2.1 <i>COWORKING</i>	15
2.2 O PROFISSIONAL DE SECRETARIADO EXECUTIVO.....	19
2.3 ESTUDOS BIBLIOGRÁFICOS	22
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
3.1 QUESTÕES DA PESQUISA	29
3.2 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO	29
3.3 MÉTODO DE PESQUISA	30
3.4 FONTES DE EVIDÊNCIAS	30
3.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	31
3.6 ANÁLISE DOS DADOS.....	32
3.7 LIMITAÇÕES DO ESTUDO.....	32
4. RESULTADOS	33
4.1 DADOS QUANTITATIVOS	33
4.2. DADOS QUALITATIVOS	39
4.2.1 Características dos artigos	40
4.2.2 Principais teorias adotadas.....	42
4.2.4 Principais resultados.....	46
4.3 COMO SECRETÁRIOS EXECUTIVOS PODEM APROVEITAR ESTE TIPO DE ORGANIZAÇÃO DE TRABALHO?	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS	57

1. INTRODUÇÃO

No cotidiano, a sociedade adapta a sua rotina conforme adere a novas tecnologias, transformando hábitos como realizar uma compra ou resolver questão bancária virtualmente. Profissionalmente, as pessoas também estão sujeitas as mudanças, pois globalização e avanços tecnológicos modificaram a maneira de interagir e compartilhar informações, dentro das organizações e fora delas (BONZANINI, 2010; OLIVEIRA et al., 2017).

Torna-se relevante observar os impactos destas transformações, como criação de novas formas de trabalhar e de ambientes profissionais correspondentes a esta nova realidade (KOJO e NENONEN, 2016). A proposta deste trabalho será despende um olhar científico sobre o *coworking*, um espaço de trabalho compartilhado por profissionais independentes e remotos. Trabalhadores de áreas afins ou diferentes especialidades que optaram por atuar em um lugar compartilhando recursos físicos como mesa, cadeiras e cafeteira, recursos intangíveis como conhecimento e ideias, e ainda com possibilidade de surgimento de parcerias, dividindo as despesas entre eles (GERDENITSCH et al., 2016).

Frequentemente, uma atividade laboral é realizada de maneira remota, no entanto esta flexibilidade também traz alguns desafios. As distrações de casa e a dificuldade para equilibrar a vida pessoal com a profissional são realidades de quem já tentou ser adepto ao *home office*, ou o ambiente não adequado das cafeterias, além da obrigatoriedade de consumo e ruídos em volta (SPINUZZI, 2012; MERKEL, 2015). Aos profissionais que escolheram não atuar em escritório tradicional, nem sempre é possível arcar com aluguel de sala comercial para desenvolver seus trabalhos.

Através de metodologia científica, será feita análise do *coworking*, e também a possível relação com a atuação de uma profissão, secretariado executivo. Além das mudanças causadas pela constante evolução na tecnologia, o mercado apresenta-se exigente e competitivo, em consequência disso, os profissionais buscam atualização de suas tarefas, o que pode causar alteração no perfil da profissão (PAES et al., 2015), como aconteceu na área secretarial. O secretário executivo é multiprofissional que presta seus serviços aos líderes de diversas maneiras, essencialmente com assessoria pessoal (SABINO e MARCHELLI, 2009). Entre suas atribuições, estão tarefas técnicas como atendimento telefônico e agendamento, também atividades de gestão, pois prestam suporte aos chefes para desenvolvimento de soluções a problemas complexos (BONZANINI, 2010). Considerando os avanços tecnológicos, o

profissional de secretariado executivo é capaz de trabalhar de maneira remota (OLIVEIRA et al., 2017). Dadas as novas possibilidades de trabalho, pretende-se analisar a viabilidade da atuação do secretário executivo em espaços *coworking*.

Será realizado um estudo bibliográfico, através de revisão sistemática. Para os autores Ferenhof e Fernandes (2016), a revisão da literatura é fundamental para identificar o atual contexto de um conhecimento científico, e especificamente em relação ao método de revisão sistemática afirmam que é uma espécie de investigação científica em que, coletando dados e analisando informações, mapeiam-se contribuições importantes para a pesquisa.

Esse tipo de revisão permite a síntese de um conhecimento científico, sua evolução ao longo do tempo e oportunidades de futuras pesquisas (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

Após este passo introdutório, serão apresentados a situação problema, objetivos e justificativa. Posteriormente, a fundamentação teórica, em que será tratado sobre *coworking*, profissional de secretariado executivo, estudos bibliográficos e bibliometria. O terceiro capítulo apresentará a metodologia, trará a descrição completa do roteiro do estudo: questões da pesquisa, caracterização, método aplicado, fontes, instrumento de coleta de dados, análise destes e limitações do estudo.

Os resultados quantitativos e qualitativos serão apresentados e discutidos logo em seguida, no quarto capítulo. As considerações finais concluirão esta pesquisa, seguidas pelas referências.

1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA

O *coworking* trata-se de um fenômeno presente há anos e crescente em números por várias cidades em diferentes nações, porém novo para a ciência (SPINUZZI, 2012; CAPDEVILA, 2014a e 2014b; GERDENITSCH et al., 2016). São diversas mudanças ocorridas na rotina das pessoas por conta dos avanços tecnológicos e da globalização, estas transformações impactam a maneira como geram, recebem e compartilham informações (KOJO e NENONEN, 2016). Este cenário alcança a vida profissional dos indivíduos, pois a maneira de realizar as atividades laborais também mudou. Novas possibilidades de atuação profissional surgiram.

Uma alta parcela de profissionais atua como *freenlancers* ou estão vinculados formalmente a uma organização e prestam seus serviços à distância, trabalhando em *home office*, cafeteria ou em espaços compartilhados por outros trabalhadores. Para esse novo contexto tão flexível, novas dificuldades também surgem, como equilibrar a vida pessoal e profissional (SPINUZZI, 2012; MERKEL, 2015; OLIVEIRA et al., 2017).

Os espaços *coworking* propõem trazer soluções para os desafios cotidianos dos profissionais independentes e remotos (GANDINI, 2015), haja vista que possibilita o escape ao isolamento de casa e da inadequação das cafeterias, por um vantajoso custo-benefício. Não apenas um escritório compartilhado, mas uma alternativa para acomodar as novas formas de trabalho, abraçando uma cultura de compartilhamento e criatividade (MERKEL, 2015). Bouncker e Reuschl (2016) afirmam que o *coworking* proporciona o auto emprego, por questão de escolha ou consequência do desemprego, e fazem associação ao desempenho, em que a aprendizagem entre os usuários impulsiona o desempenho individual, entendendo o compartilhamento como facilitador para a criação colaborativa de bens e serviços, proporcionando benefício de forma econômica e empresarial.

Considerando a expansão de espaços de trabalho compartilhados em diversos países e as propostas trazidas por este fenômeno, é importante entender, sob ótica da ciência, o que é o *coworking*? Como este tema tem sido abordado pela literatura? O que se sabe até então?

1.2 OBJETIVOS

Diante deste contexto, o objetivo geral será:

- a) Mapear as abordagens sobre o *coworking* na literatura científica.

Relacionada a esta problemática, os objetivos específicos serão:

- a) Fazer o levantamento dos estudos que trabalharam o tema;
- b) Descrever as características identificadas em cada pesquisa;
- c) Identificar as principais teorias adotadas para compreender o *coworking*;
- d) Identificar os principais conceitos criados para o *coworking*;
- e) Compreender a possível relação entre secretariado executivo e *coworking*.

1.3 JUSTIFICATIVA

Considerando que os espaços *coworking* estão conquistando adeptos e expandindo por vários países (BOUNCKER e REUSCHL, 2016), que, apesar de estarem presentes em diversas comunidades, ainda não são devidamente conhecidos (SPINUZZI, 2012; CAPDEVILA, 2014a e 2014b). Em razão desta escassez de informação acerca do assunto (GERDENITSCH et al., 2016), é de suma relevância haver esclarecimento sobre o tema, para que as pessoas conheçam esse novo modelo de trabalho, entendam a proposta trazida por este fenômeno, como os *coworkings* podem impactar o local onde estão inseridos, como os profissionais usufruem dos benefícios proporcionados nestes espaços compartilhados.

Ao aprofundar as leituras sobre essa temática averiguou-se que a literatura não possui base teórica consistente, já que ainda não foi estabelecido um consenso conceitual. (SPINUZZI, 2012; RUS & OREL, 2015), identificado modelo de configuração ou funcionamento a respeito dos espaços *coworking* (GERDENITSCH et al., 2016), dessa forma há diversidade entre os espaços, particularidades que mudam de um *coworking* para outro.

Busca-se com este estudo fazer um levantamento das pesquisas realizadas sobre o assunto, compreender o desenvolvimento destes estudos e os resultados encontrados, a fim de levar esse conhecimento para a sociedade em geral, bem como para possíveis usuários, sejam profissionais independentes ou pessoas jurídicas que buscam soluções inovadoras, e ainda servir de subsídio para pesquisas futuras. Neste contexto está a justificativa do presente trabalho.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 COWORKING

Segundo o *website* Coworking Wiki, o termo “*coworking*” foi utilizado pela primeira vez em 1999, por Bernie DeKoven, *designer* de jogos eletrônicos, ao referir-se ao trabalho realizado em colaboração com apoio de novas tecnologias daquela época, porém só a partir de 2005 o espaço físico para realizar este trabalho colaborativo começou a ser inserido no conceito, surgindo os primeiros espaços *coworking* na cidade de São Francisco (Califórnia-EUA). Gandini (2015) ressalta que uma parte de São Francisco está inserida no Vale do Silício, um cenário propício para o surgimento deste fenômeno.

No entanto, a linha do tempo apresentada pelo *website* sobre *coworking*, Deskmag (2013), informa que em 1995 haviam sido fundados os primeiros espaços similares aos *coworking*, na cidade de Berlim (Alemanha), onde pessoas de diversas formações e com interesses comuns participam de várias atividades, estes lugares foram chamados de *Hacherspaces*, esse modelo é considerado uma “pré-forma” para os espaços *coworking*; e que em 1999 a empresa New York Office Share 42 West 24, (Nova Iorque-EUA), já alugava mesas flexíveis, em um ambiente de trabalho, para pessoas físicas ou jurídicas.

Mas o que são *Coworking Spaces*? Um conceito é apresentado pelo *website* Coworking Wiki(s.d)

“The idea is simple: independent professionals and those with workplace flexibility work better together than they do alone. Coworking spaces are about community-building and sustainability. Participants agree to uphold the values set forth by the movement’s founders, as well as interact and share with one another. We are about creating better places to work and as a result, a better way to work.”

Que pode ser entendido da seguinte maneira, A ideia é simples: profissionais independentes e com flexibilidade no local de trabalho atuam de maneira mais eficaz em grupos do que isolados. Espaços *Coworking* referem-se à construções comunitárias e sustentabilidade. Os participantes concordam em defender os valores estabelecidos pelos fundadores do movimento, bem como interagir e compartilhar um com o outro. Trata-se de criação de melhores lugares para trabalhar e, por consequência, maneiras de trabalhar.

Ou seja, indivíduos compartilham o mesmo espaço, porém sem haver necessariamente dependência entre suas atividades, a cooperação existente não se trata de uma imposição. Ao trocar experiências os usuários podem desenvolver trabalhos que provavelmente não seriam feitos da mesma forma se estivessem trabalhando isoladamente. Respeitando as normas de convivência no espaço comum, os usuários interagem, em graus de intensidade diferentes, e contribuem para a feitura do trabalho um do outro (SPINUZZI, 2012; CAPDEVILA, 2014a). Sendo assim, trata-se de uma opção alternativa que promete oferecer soluções aos seus adeptos (GANDINI, 2015).

Segundo Heckler (2012), a evolução e a disseminação dos meios de acesso à informação; a influência da chamada Geração “Y”, os nascidos a partir dos anos 90; e a insatisfação com o emprego são fatores que propiciaram a flexibilidade na comunicação e a mobilidade em relação às atividades laborais, porém para muitos profissionais o desafio está em encontrar um local adequado para trabalhar, o autor informa que no início dos anos 2000 as cafeterias norte-americanas foram frequentadas como ‘escritórios’ por muitos trabalhadores, a partir de então se tornou cada vez comum, também, espaços de trabalho compartilhados.

De acordo com Spinuzzi (2012), o desenvolvimento da tecnologia contribuiu para tornar possível o trabalho de lugar remoto e não mais apenas em salas de escritórios tradicionais. Alguns profissionais optam por trabalhar em casa, porém essa escolha traz suas desvantagens como isolamento, conflito entre as atribuições da casa e do trabalho por estarem no mesmo lugar, limite ao desenvolvimento de *network* e acesso a novas oportunidades, uma solução para esses problemas seria o *coworking* (SPINUZZI, 2012). Publicações foram e têm sido feitas abordando o tema, assim como acontece em eventos (Coworking Wiki), porém ainda há lacunas a serem preenchidas, considerando o assunto relativamente recente (SPINUZZI, 2012; CAPDEVILA, 2014b). Na busca de compreender o que é este fenômeno, pesquisas tentaram conceituar o *coworking*, entender como acontece, por que as pessoas optam por trabalhar nestes espaços, quem são os usuários desses lugares, os chamados *coworkers*, entre outros aspectos.

Um professor da Universidade do Texas em Austin (EUA), Clay Spinuzzi (2012), em seu artigo “*Working alone, together: coworking as emergent collaborative activity*” (Trabalhando sozinho, em conjunto: *coworking* como atividade colaborativa emergente), afirma que encontrou muitas contradições ao analisar os dados coletados (entrevistas,

publicações sobre o tema, documentos físicos e informações de *websites*) enquanto buscava um conceito de *coworking*, traçar um perfil para os *coworkers* e quais as motivações para escolherem trabalhar nesses lugares. Porém, também encontrou pontos comuns nas respostas de alguns entrevistados, como quanto ao entendimento do espaço *coworking* como um lugar alternativo ao escritório tradicional, como corrobora Capdevila (2014a).

Dentre os pontos divergentes apontados no trabalho de Spinuzzi (2012), destaca-se que em alguns espaços há políticas que prezam pelo silêncio em áreas comuns visando não atrapalhar a produção de quem está trabalhando, mas em outros acontece estímulos para interação entre os usuários objetivando maior colaboração entre eles; alguns usuários optaram pelo espaço compartilhado por causa da divisão das despesas, outros pela interação social com profissionais de diversas áreas entre outras razões; alguns espaços *coworking* adotam estrutura mais formal e profissional, outros optam por ambiente informal e confortável aos usuários. Sendo, portanto inviável estabelecer padrões entre as evidências.

Diante da diversidade das respostas encontradas, Spinuzzi (2012) tentou encontrar coerência nesse contexto. Após uma segunda análise, baseando-se na quarta Geração da Teoria da Atividade (4 GAT), por fim, afirmou que a colaboração dos trabalhos é que torna compreensível este fenômeno. Apresenta o *coworking* como atividade colaborativa, com usuários dispostos a compartilhar, e se beneficiar com esse compartilhamento, espaço, material de expediente, ideias, serviços e etc., em maior ou menor grau de intensidade, sendo esta a real motivação.

Neste quesito, ao analisar a colaboração em espaços *coworking* na cidade de Barcelona (Espanha), Capdevila (2014b) salienta que esta colaboração entre os *coworkers* pode desenvolver-se em três maneiras: relacionada aos custos (despesas compartilhadas e economia custos de transações), baseada em recursos (recursos não só tangíveis como máquinas, mas também intangíveis como conhecimento e capacitação), colaboração relacional (trabalho em conjunto visando aproximar o grupo, com foco nos membros e na sinergia em suas atividades). Em cada espaço há uma tendência em desenvolver mais um tipo de colaboração que outro como apontado por Spinuzzi (2012).

Em outro estudo, Capdevila (2014a) analisa os espaços *coworking* como *microclusters* (atividades semelhantes sendo desenvolvidas conjuntamente). Afirma que a interação diária entre os diversos profissionais contribui para gerar confiança entre os membros, a partir daí ocorrem trocas de informações úteis aos trabalhos, como fontes, clientes ou novidades

referentes ao ramo de atuação, como também torna o ambiente propício para gerar conhecimento e inovação, o que beneficia usuários e respectivos negócios, podendo potencializar seus serviços e aumentar a competitividade.

Segundo Capdevila (2014b), em Barcelona, uma das motivações para o crescente número de espaços *coworking* se dá por causa da crise econômica enfrentada pelo país (p. 6), num cenário em que empresas reduzem o quadro de funcionários e colocam à disposição o espaço não utilizado, como também a dificuldade de profissionais encontrarem emprego levou a crescer a quantidade de autônomos e empreendedores (CAPDEVILA, 2014b). Nota-se que o fator financeiro também foi apontado como razão para trabalhar em *coworking* (HECKLER, 2012).

Numa pesquisa realizada em Porto Alegre/RS (Brasil) (HECKLER, 2012), o *coworking* foi analisado como serviço, demonstrou que a principal motivação dos usuários para o consumo deste serviço foi a busca por trocas de experiências. Além deste aspecto, foram apontados a necessidade de espaço físico profissional, a facilidade de autogerenciamento profissional nos locais, evitar solidão, ampliar o *networking* (rede de contatos), reduzir custos considerando que despesas são divididas, possibilidade de participar de eventos da área de atuação, evitar atividades administrativas (cuidar das contas do escritório, por exemplo), possibilidade de concretização do negócio, e necessidade relacionada a endereço comercial. Um dos resultados deste estudo aponta que dentre os usuários entrevistados, a maioria se identificou como autônomo ou empresário (HECKLER, 2012). Tal como o estudo de Spinuzzi (2012), constatou uma multiplicidade de interesses por parte dos usuários em relação ao usufruto do *coworking*. Como também afirma Capdevila (2014a) sobre diferentes motivações dos *coworkers* (satisfação em fazer parte de uma comunidade ou apenas ter um ambiente adequado para trabalhar), e a organização das atividades (eventos) podem ocorrer de diferentes maneiras.

Na análise crítica feita por Gandini (2015), em que propõe uma reflexão acerca do *coworking*, afirma que esse modelo de trabalho pode trazer benefícios aos usuários, correspondendo aos novos formatos de trabalho. Em relação aos usuários, expõe que uma parcela dos *coworkers* é composta, além de *freelancers*, por aqueles trabalhadores que não tiveram sucesso no formato tradicional de emprego. O autor informa também que os membros se beneficiam grandemente com o capital social encontrado nestes lugares, por exemplo, aumentando a rede de clientes e colaboradores, além de superar o isolamento e ter uma

experiência profissional em espaço físico adequado. No entanto, o pesquisador alerta sobre a possibilidade de ser uma “moda” passageira, tratando-se de um espaço para trabalhadores desempregados estarem vinculados durante a recessão econômica e a crise financeira.

Os resultados dessas pesquisas, cada uma com objetivos distintos e apresentado o *coworking* a partir de um ângulo, trazem alguns esclarecimentos acerca do tema, porém, como se trata de um fenômeno recente, é interessante fazer um levantamento da literatura e verificar como este tipo de organização pode impactar a rotina dos profissionais, conforme será discutido na próxima seção.

2.2 O PROFISSIONAL DE SECRETARIADO EXECUTIVO

O secretário executivo, um assessor polivalente, multiprofissional que presta seus serviços aos líderes de diversas maneiras, essencialmente com assessoria pessoal (SABINO e MARCHELLI, 2009), e, considerando os avanços tecnológicos, é capaz de trabalhar de maneira remota (OLIVEIRA et al., 2017).

De acordo com Bonzanini (2010) cabe à figura do profissional de secretariado executivo a característica de multifuncionalidade, pois na realização de suas atividades são exigidos conhecimentos e habilidades distintos. Basicamente o secretariado tem suas raízes na ciência da administração, no entanto, outras áreas de conhecimento constituem a formação do profissional, como contabilidade, sociologia, filosofia e direito (SABINO e MARCHELLI, 2009).

Além de atribuições técnicas (organizar agenda, assessorar reuniões, recepcionar, atender pessoalmente ou por telefone, reservar hotéis ou passagens, redigir, editar e entre outras tarefas) o secretário ainda assume a posição de gestor que auxilia os chefes na busca por soluções a problemas complexos, responsável intermediações internas ou externas, apoio ao aprimoramento do processo de gestão, gerenciamento de projetos e outros (BONZANINI, 2010). O estudo de Paes et al. (2015) corrobora com esta afirmativa ao explicarem que o profissional de secretariado executivo também assume função de coordenador, pois na realização de suas atividades atua como gestor de pessoas, de processos e resultados, e gestor da informação.

O processo de globalização, integração mundial política e economicamente, traz mudanças às nações e influenciam transformações profundas nos processos dentro das

organizações. A evolução constante na tecnologia modificou a maneira como as pessoas trabalham (BONZANINI, 2010; OLIVEIRA et al., 2017). Além disso, o mercado está cada vez mais exigente e competitivo como consequência, os profissionais buscam atualização de suas tarefas, o que pode causar alteração no perfil da profissão (PAES et al., 2015).

Dentre as mudanças, tecnologias evoluíram a maneira de produzir, receber e veicular informações (SOUZA, 2010), os secretários podem executar e monitorar atividades virtualmente, de forma mais rápida e com menor custo, o que desencadeia novas possibilidades de empregabilidade (OLIVEIRA et al., 2017).

A pesquisa desenvolvida por Paes et al. (2015) teve a proposta de mapear e compreender as novas maneiras de atuação do secretário executivo, considerando os impactos da globalização e avanços tecnológicos para a profissão. Para a análise, os autores dividiram em categorias: assessoria direta, *Home Office*, escritórios virtuais, *pool* secretarial, consultoria secretarial e área cooperativista.

A assessoria representa a função principal do secretário. Por meio desta, junto aos gestores, ele colabora para a concretização dos objetivos organizacionais. Segundo os autores “Essa assessoria funciona como aconselhadora, orientadora e recomendadora de sugestões, planos e procedimentos, multiplicadora de processos e prestadora de serviços especializados na área de Secretariado, enquanto atividade-meio da organização” (PAES et. al., 2015, p. 113).

Através de *Home Office*, atuam secretários ligados a empresas trabalhando de forma remota ou profissionais independentes, para tal é preciso haver confiança entre gestor e secretário, além de ser observado o perfil do trabalhador, se corresponde aos desafios de trabalhar em casa, alguém capaz de gerir o próprio tempo e monitorar a produtividade por exemplo.

Nos escritórios virtuais, os autores destacam duas possibilidades de atuação. Uma opção, sendo assessor ou gestor, coordenando os serviços prestados aos usuários destes lugares. Segunda opção, com perfil empreendedor e disponibilidade financeira, baseado em estudo, implantar um escritório virtual.

Figura 1 – Formas de Atuação do profissional de Secretariado Executivo

FORMAS DE ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE SECRETARIADO EXECUTIVO		
ÁREA DE ATUAÇÃO	CARACTERÍSTICAS	
ASSESSORIA SECRETARIAL	Direta	<ul style="list-style-type: none"> Habilidade de comunicação, no gerenciamento de informações e na administração de conflitos internos e externos; conhecimento da organização como um todo, tendo visão holística dela; planejamento e aplicação da liderança em equipes de trabalho; domínio e aplicação dos fundamentos da gestão organizacional, caracterizando-se como gestor em seu setor e servindo de suporte gerencial os demais setores; ética e sensatez em seus pronunciamentos e ações; conhecimento da cultura organizacional, seus nichos mercadológicos e perfis de clientes.
	Home office	<ul style="list-style-type: none"> Perfil empreendedor, consciente de desafios e de riscos; gerenciamento de tempo para a melhor disponibilidade dos trabalhos; inovação em seus serviços e práticas.
	Escritório Virtual	<ul style="list-style-type: none"> Perfil empreendedor; habilidades em comunicação; ampos conhecimentos em ferramentas tecnológicas.
	Pool	<ul style="list-style-type: none"> Regras bem definidas; imparcialidade e isenção de privilégios; habilidades para trabalhar em equipe; desenvolvimento de confiança profissional; maturidade profissional.
CONSULTORIA SECRETARIAL	<ul style="list-style-type: none"> Habilidades técnicas, a partir de conhecimentos amplos da área de Secretariado; habilidade de consultoria; habilidades interpessoais; fornecimento de informações (projetos de consultoria) aos processos decisórios; 	
COOPERATIVA SECRETARIAL	<ul style="list-style-type: none"> União de pessoas, trabalhadores ou profissionais que se unem por iniciativa própria; congregação de interesses individuais, objetivando melhores condições de mercado; aplicação de conhecimentos e competências administrativas facilitadores na gestão e oferta do serviço comum prestado pela organização (cooperativa) 	

Fonte: Paes et al., 2015, p. 119.

O *pool* secretarial trata-se de uma equipe de secretários executivos assessorando os líderes sem distinção ou exclusividade numa organização. Um desafio para os profissionais acostumados a trabalhar sozinhos, mas um modelo que pode dar muito certo se bem gerido.

Sobre a consultoria, os autores entendem que o profissional de secretariado executivo é consultor em sua rotina diária, pois aconselha seus superiores no auxílio para aprimoramento de processos, por exemplo. Esta consultoria também pode ocorrer por meio da prestação de serviço particular, quando o secretário que não faz parte do quadro funcional atua temporariamente na organização.

Numa cooperativa, pessoas “se unem por iniciativa própria, em prol de congregar os interesses individuais e trabalharem juntos em busca de melhores condições de mercado” (PAES et al., 2015). O perfil gestor do secretário pode facilitar o trabalho na formação e gerenciamento de cooperativas, no entanto, não é possível criar especulações sobre a profissão nesse nicho por se tratar de uma área, até então, pouco explorada pelos secretários.

Em outro estudo, realizado por Oliveira et al. (2017), foram aplicados questionários a 5 secretários remotos, que prestam assessoria virtualmente. Dentre os resultados encontrados, vale destacar que gerir o próprio tempo e ter flexibilidade foram indicados como vantagens do trabalho em *home office*, porém, como desvantagem está a instabilidade financeira. Manter o equilíbrio entre vida profissional e pessoal foi apontado como desafio. Também foi relatado que, para o trabalho remoto, não é obrigatório equipamento de última geração, mas é preciso de aparelhagem básica como telefone, computador, acesso à internet e domínio sobre essas tecnologias, além de lugar disponível para se concentrar nas atividades, a fim de prestar serviço de qualidade (OLIVEIRA et al. 2017).

Nesse contexto é imprescindível que o profissional de secretariado executivo esteja em constante atualização, buscando melhoria contínua e se adequando às novas demandas (BONZANINI, 2010). Assim como para o *coworking*, o trabalho dos secretários executivos está acompanhado de novas possibilidades e desafios.

2.3 ESTUDOS BIBLIOGRÁFICOS

O conhecimento é fator fundamental na construção do destino da humanidade, porque o mesmo está atrelado diretamente às inovações e avanços tecnológicos, aos processos de globalização e mercantilização, dentre outros aspectos da vida do homem cujo saber exerce influencia e é também influenciado (LIMA e MIOTO, 2007). Ao longo da jornada humana o desenvolvimento do saber se fundou em vários tipos de conhecimento, que podem ser categorizados como filosófico, teológico, empírico, científico e tecnológico (DALFOVO, LANA e SILVEIRA, 2008).

O conhecimento científico pode ser entendido como “resultado de uma investigação que segue uma metodologia, baseada na realidade de fatos e fenômenos capaz de analisar, descobrir, concluir, criar e resolver novos e antigos problemas” (DALFOVO, LANA e SILVEIRA, 2008, p. 2), ou seja, um saber que surge a partir de pesquisa, pautada em métodos, trabalhada com dados e fatos, a qual resulta em respostas e/ou soluções.

Conforme Vergara (1990), são várias as opções de métodos para desenvolver uma pesquisa, bem como a categorização destes, por exemplo, esta autora sugere a seguinte classificação para as pesquisas:

Quadro 1 – Exemplo de classificação 01

Quanto aos fins	Quanto aos meios
-exploratória -descritiva -explicativa -metodológica -aplicada -intervencionista	-pesquisa de campo -pesquisa de laboratório -documental -bibliográfica -experimental -ex post facto -participante -pesquisa-ação -estudo de caso

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Um outro exemplo de tipificação, é a proposta dos autores Raupp e Beuren (2003):

Quadro 2 – Exemplo de classificação 02

Quanto aos objetivos	Quanto aos procedimentos	Quanto à abordagem
-exploratória	-estudo de caso	-qualitativa
-descritiva	-levantamento	-quantitativa
-explicativa	-pesquisa bibliográfica	
	-documental	
	-participante	
	-experimental	

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

E ainda pode-se observar o proposto pelos autores Fontelles et al. (2009):

Quadro 3 – Exemplo de classificação 03

Classificação	Tipos de pesquisa
Quanto à finalidade	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa básica ou fundamental • Pesquisa aplicada ou tecnológica
Quanto à natureza	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa observacional • Pesquisa experimental
Quanto à forma de abordagem	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa qualitativa • Pesquisa quantitativa <ul style="list-style-type: none"> -Descritiva -Analítica
Quanto aos objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa exploratória • Pesquisa explicativa
Quanto aos procedimentos técnicos	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa bibliográfica • Pesquisa documental • Pesquisa de laboratório • Pesquisa de campo
Quanto ao desenvolvimento no tempo	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa transversal • Pesquisa longitudinal • Pesquisa prospectiva • Pesquisa retrospectiva

Fonte: Fontelles et al. (2009)

Além destas, outras classificações podem ser encontradas (SILVEIRA e CÓRDOVA, 2009; ZANELLA, 2009). Percebe-se que há diferenças, porém também algumas semelhanças, como a pesquisa do tipo bibliográfica que está presente em todos estes exemplos e, para os fins deste estudo, será tratado sobre este tipo de pesquisa a seguir.

Vergara (1990) caracteriza a pesquisa bibliográfica como estudo sistematizado, e assim explicam Lima e Miotto (2007, p. 38) ao descreverem-na como “conjunto ordenado de procedimentos”. Aplicada às ciências sociais, o estudo bibliográfico é de suma importância para conhecermos a produção científica sobre determinado tema (RAUPP e BEUREN, 2003) e abordar soluções aos problemas coletivos (DALFOVO, LANA e SILVEIRA, 2008). Trata-se de procedimento estruturado, por meio de qual o pesquisador passa a conhecer o estado da arte de um assunto específico, que o fundamentará a buscar respostas e/ou soluções ao referente contexto.

Esta metodologia é de natureza teórica, na medida em que é baseada em material já publicado, podendo as fontes ser primárias (livro, por exemplo) ou secundárias (material em que inclui recortes de fontes primárias e interpretação do redator) (VERGARA, 1990). Inclui periódicos, jornais, documentos, imagens, mapas, informações disponibilizadas em meio eletrônico (FONTELLES et al., 2009), porém são mais utilizados livros e artigos científicos (ZANELLA, 2009).

Para Zanella (2009) a realização de pesquisa bibliográfica inclui as etapas: escolher o tema, levantar leitura preliminar, formular o problema, elaborar plano provisório de assunto, buscar as fontes, ler o material, fazer os fichamentos, organizar logicamente o conteúdo e, por fim, gerar a redação do texto. Fontelles et al (2009) enfatiza que é necessária a avaliação atenta e sistemática do material selecionado.

Raupp e Beuren (2003) advertem que, o levantamento do material bibliográfico, de acordo com o assunto escolhido e objetivos da pesquisa, pode resultar em um grande quantitativo de obras, o que irá requerer do pesquisador a realização de filtro criterioso para selecionar o material a ser aproveitado, como também pode acontecer o oposto, em que serão poucas as leituras disponíveis para aquela pesquisa.

Silveira e Córdova (2009) explicam que estudos bibliográficos são realizados a fim de fundamentarem trabalhos científicos, pois permitem ao pesquisador conhecer o que já foi estudado sobre o tema escolhido, porém existem pesquisas que são unicamente bibliográficas, quando se objetiva alcançar um conhecimento prévio sobre o problema.

2.4 BIBLIOMETRIA

Os autores Guedes e Borschiver (2005) apresentam a bibliometria como:

“uma ferramenta estatística que permite mapear e gerar diferentes indicadores de tratamento e gestão da informação e do conhecimento”, segundo os mesmos, tal ferramenta aproveita-se principalmente em “sistemas de informação e de comunicação científicos e tecnológicos, e de produtividade, necessários ao planejamento, avaliação e gestão da ciência e da tecnologia, de uma determinada comunidade científica ou país” (GUEDES e BORSCHIVER, 2005, p. 15).

Ou seja, trata-se de um instrumento com o qual é possível gerar um diagnóstico referente ao conhecimento produzido de determinado tema ou região, com base nas respectivas publicações.

Guedes e Borschiver (2005) em sua obra afirmam a utilização de métodos estatísticos para a realização do mapeamento, como corrobora Araújo (2006), quando conceitua a bibliometria como “técnica quantitativa e estatística de medição dos índices de produção e disseminação do conhecimento científico” (ARAÚJO, 2006, p.12), em que a por meio da aplicação de técnicas estatísticas e matemáticas é possível descrever o estado da arte de determinada literatura, ao investigar e quantificar o que já foi produzido referente à mesma.

Segundo Guedes e Borschiver (2005), em 1922 foi utilizado pela primeira vez o termo *statistical bibliography* (bibliografia estatística) por E. Wyndham Hulme, porém Araújo (2006), como também Santos e Kobashi (2009), afirmam que o termo foi cunhado por Hulme em 1923.

Após este fato, o termo foi utilizado novamente em 1944, por Gosnell, em seu artigo que tratava acerca da obsolescência da literatura, e depois em 1962, por L. M. Raisig numa obra referente à análise de citações (GUEDES e BORSCHIVER, 2005).

Araújo (2006) expõe que, em 1934, Paul Otlet criou o termo bibliometria, registrado em sua criação “*Traité de Documentation*”, o qual veio a popularizar-se em 1969 com o artigo de Allan Pritchard em que apresentava a discussão “bibliografia estatística ou bibliometria?” (ARAÚJO, 2006).

Santos e Kobashi (2009) afirmam que antes destes fatos já havia a utilização de técnicas para mapeamento de informações, exemplificam a citação feita por Gabriel Peignol, em sua obra “*Manuel du Bibliophile ou, traité du choix des livres*”, editada em 1823, onde aponta que um autor desconhecido pesquisou a produção mundial de livros no interregno da metade do século XV e início de século XIV, porém tais métodos conquistaram maior destaque a partir do século XX (SANTOS e KOBASHI, 2009).

Guedes e Borschiver (2005), ao mencionarem a obra de Miranda Lee Pao de 1989, *Concepts of Information Retrieval*, explicam que a literatura é um fator fundamental no processo de comunicação do conhecimento e que a produção desta literatura pode ser estudada em parâmetros estatísticos, observando-se periódicos, publicações, autores, palavras-chave e citações por exemplo. Esta explicação vem ao encontro do esclarecimento prestado por Araújo (2006), ao afirmar que a preocupação inicial da bibliometria esteve em analisar a produção científica e buscar benefícios práticos para as bibliotecas, sendo apontado o controle bibliográfico como o objetivo “mais óbvio” da bibliometria.

Primeiramente, a bibliometria estava direcionada para a medida de livros, foco em gestão das obras armazenadas, em que se observavam as quantidades de edições, exemplares, palavras em cada livro, bem como estatísticas relacionadas à indústria de livros (ARAÚJO, 2006). Posteriormente, estudos bibliométricos foram sendo adotados para outras finalidades como analisar a produção de autores e o estudo de citações, considerando não apenas livros, mas outros tipos de produção bibliográfica também (ARAÚJO, 2006).

Como também afirmam Santos e Kobashi (2009) ao informar que “A bibliometria foi caracterizada por Pritchard (1969) como conjunto de métodos e técnicas quantitativos para a gestão de bibliotecas e instituições envolvidas com o tratamento de informação” (SANTOS e KOBASHI, 2009, p. 157), neste contexto, os autores explicam que os resultados dos estudos bibliométricos contribuíram grandemente para a elaboração de estratégias na gestão de unidades de informação e bases de dados.

É possível notar que, desde a sua origem, a bibliometria se importou com a análise quantitativa das obras (GUEDES e BORSCHIVER, 2005), inicialmente livros e após considerou outros tipos de produções (ARAÚJO, 2006), e ao passar do tempo as finalidades e objetivos dos estudos bibliométricos também se desenvolveram, surgindo novas possibilidades, primeiramente observava-se a quantidade de itens produzidos bem como previsão das próximas produções, para auxílio no armazenamento de livros nas bibliotecas (SANTOS e KOBASHI, 2009). Mais recentemente este tipo de estudo tem sido aplicado para descrever o estado de arte de determinada literatura, ao se analisar estatisticamente a produção relativa a um tema ou área científica (SANTOS e KOBASHI, 2009).

Geralmente, os artigos científicos têm adoção privilegiada em estudos desta natureza, porém é importante esclarecer que não se podem considerar exclusivamente os números resultados de um estudo (quantidade de artigos) para gerar conhecimento acerca da produção da literatura, mas é imprescindível observar o conteúdo dos objetos analisados, pois ao perceber que a quantidade de obras em um tema está em crescimento não significa obrigatoriamente que o conhecimento relacionado a este se desenvolve na mesma proporção (SANTOS e KOBASHI, 2009).

Além das mudanças já mencionadas, com o passar dos anos, modalidades de estudos bibliométricos foram desenvolvidos, a fim de serem observados diferentes aspectos da produção literária, as principais são: Lei de Lotka (1926), Lei de Bradford (1934) e Lei de Zipf (1949).

Por meio da Lei de Lotka é possível descobrir os autores com maior ou menor número em produção de obras, em que se supõem os que têm maior ou menor prestígio acadêmico (GUEDES e BORSCHIVER, 2005), ou seja, um método que promove a medição da produtividade entre os cientistas (ARAÚJO, 2006).

A Lei de Bradford tem foco voltado para os periódicos, em que se observa os que têm maior ou menor número de publicações em determinado tema e assim estima-se o periódico com maior ou menor relevância numa área científica (GUEDES e BORSCHIVER, 2005), analisando a dispersão do conhecimento científico (ARAÚJO, 2006).

E a aplicação da Lei de Zipf permite saber a frequência da ocorrência das palavras em um texto, por exemplo, descobrir o pequeno grupo de termos utilizados com maior frequência e as muitas palavras que ocorrem pouco (GUEDES e BORSCHIVER, 2005), um modelo para observar a distribuição e a frequência de uso das palavras (ARAÚJO, 2006).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram adotados procedimentos metodológicos baseados em bibliografia sobre metodologia para estudo científico, conforme apresentados a seguir.

3.1 QUESTÕES DA PESQUISA

Um fenômeno chamado *coworking* está em ascensão pelo mundo (SPINUZZI, 2012; CAPDEVILA, 2014a e 2014b), o que pode indicar uma boa aceitação dos adeptos a este formato de trabalho num espaço compartilhado. Apesar do aparente desenvolvimento gradativo, trata-se de um tema novo, ainda não conhecido plenamente pela sociedade (SPINUZZI, 2012; CAPDEVILA, 2014a e 2014b). Em razão disso, considerando a produção científica acerca desse assunto, busca-se esclarecer, como esse tema está sendo tratado na literatura?

Almejando conhecer melhor este estilo de trabalho, sob a ótica científica, considerando os objetivos propostos, espera-se encontrar respostas para os seguintes questionamentos:

- Quais artigos abordam o *coworking* nas bases propostas?
- Quais as características destes estudos?
- Quais teorias foram aplicadas?
- Quais conceitos foram criados para o *coworking*?
- Como secretários executivos podem aproveitar este tipo de organização de trabalho?

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo terá abordagem qualitativa e quantitativa. Qualitativa, pois pretende interpretar o conteúdo anteriormente coletado na busca bibliográfica (MINAYO, 2012), e quantitativa (SILVEIRA E CÓRDOVA, 2009), porque explicará estatisticamente esses resultados.

Espera-se que esta pesquisa contribua de forma a subsidiar e fundamentar trabalhos futuros que se relacionem direta ou indiretamente ao *coworking*. (CORDEIRO *et al*, 2007).

Com finalidade exploratória, objetiva tomar familiaridade com o tema, conhecê-lo melhor, de modo que sirva de base para estudos futuros (SILVEIRA E CÓRDOVA, 2009).

3.3 MÉTODO DE PESQUISA

Optou-se por realizar o método de revisão bibliográfica sistemática, tipo de metodologia indicada quando o pesquisador procura aproximar-se da problemática a fim de verificar a evolução científica acerca do tema bem como detectar quais lacunas existem que possam ser exploradas posteriormente (BOTELHO; CUNHA e MACEDO, 2011).

Para os autores Ferenhof e Fernandes (2016), a revisão da literatura é fundamental para identificar o atual contexto de um conhecimento científico, e especificamente em relação ao método de revisão sistemática afirmam que é “um método de investigação científica com um processo rigoroso e explícito para identificar, selecionar, coletar dados, analisar e descrever as contribuições relevantes a pesquisa” (p. 551).

Para tanto requer planejamento, levantamento dos estudos realizados acerca de determinado assunto e após isso, com base nos critérios previamente estabelecidos, estes estudos são selecionados e analisados (FERENHOF e FERNANDES, 2016). Esse tipo de revisão permite a síntese de um conhecimento científico, sua evolução ao longo do tempo e oportunidades de futuras pesquisas (BOTELHO; CUNHA e MACEDO, 2011).

Pode ser caracterizado como estudo exploratório descritivo, na medida em que se busca aproximação do tema como objetivo de compreender melhor o objeto de estudo proposto e com os resultados das buscas objetiva-se relatar a interpretação dos dados e informações (LIMA e MIOTO, 2007), espera-se que as conclusões deste trabalho tragam esclarecimentos a demais investigadores para fins de pesquisas futuras, bem como para a sociedade na qual os *coworkings* estão inseridos.

Dentre vantagens da revisão sistemática, Atallah e Castro (1997) mencionam o caráter reprodutivo da metodologia em outras pesquisas e a prevenção de duplicidades de esforços em diferentes pesquisas, entre as desvantagens apontam que estudos desta natureza não melhoram a qualidade dos estudos anteriores, apenas sugerir melhorias para os futuros.

3.4 FONTES DE EVIDÊNCIAS

Nesta revisão bibliográfica sistemática, será dedicada atenção às produções científicas publicadas nos últimos 10 anos, ou seja, fonte bibliográfica. Pesquisas do tipo bibliográficas

são bastante aplicadas nos estudos exploratórios e/ou descritivos, casos em que o objeto é ainda pouco estudado (LIMA e MIOTO, 2007). Tanto a coleta quanto a avaliação de cada trabalho encontrado e apreciação do conteúdo dos mesmos se dará seguindo o protocolo de pesquisa (CONFORTO; AMARAL e SILVA, 2011), o qual será apresentado a seguir.

3.5 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Alguns autores tiveram a iniciativa de propor modelos de protocolo para realizar revisão sistemática (ATALLAH e CASTRO, 1997; PEREIRA e BACHION, 2006), porém não foi encontrado um modelo tido em consenso por estudiosos e pesquisadores como ideal a ser seguido, por conta disso foi elaborado um roteiro com base no processo de revisão de literatura sugerido pelos autores Conforto, Amaral e Silva (2011), por entender ser o mais adequado para a finalidade desta pesquisa.

O roteiro sugerido pelos autores é composto por três fases, o qual foi adaptado para as especificidades desta pesquisa, sendo constituído por: Fase 1 é a “Entrada”, cujas fases respectivamente são: 1.1 Definição de problema; 1.2 Definição de objetivos; 1.3 Estabelecimento de fontes primárias, que podem ser artigos, periódicos ou base de dados; 1.4 escolha das palavras-chave; 1.5 Critérios de inclusão, ou seja, parâmetros para escolher se determinado artigo fará parte do conjunto de trabalhos a serem estudados na pesquisa proposta; 1.6 Critérios de Qualificação, que significa parâmetros para avaliar a importância daquele determinado trabalho para a pesquisa; 1.7 Definição do método e das ferramentas adotadas para a realização das buscas, bem como definição das etapas dessa ação; 1.8 Elaboração de cronograma.

Foram estabelecidas como bases de dados o Portal de Periódicos CAPES, a plataforma da EBSCO Search e o diretório de publicações da Wiley. Através destes três canais serão feitas as buscas dos estudos sobre o *coworking*, corresponde às etapas 1.3 e 2.1 do processo.

Aos critérios de inclusão, etapa 1.5, foram adotados os seguintes parâmetros: obras relacionadas ao objeto de estudo; nos idiomas português, inglês e espanhol; considerados artigos, dissertações e teses publicados nos últimos dez anos (entre 2007 e 2017). Quanto aos critérios de qualificação, etapa 1.6, através de leitura seletiva, será observado se o material está relacionado aos objetivos e se, de fato, interessa à pesquisa.

Após a “Entrada”, segue para a Fase 2 ‘Processamento’, com as seguintes etapas: 2.1 Busca, trata-se da execução da coleta das obras; 2.2 Análise dos resultados, os autores

(CONFORTO, AMARAL, SILVA, 2011) recomendam fazer registro de cada passo e resultado num formulário em formato de planilha (Formulários 1 e 2) e também adoção de *software* para auxiliar nos registros e na organização.

3.6 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos resultados, que é a Etapa 2 da Fase 2 “Processamento”, trata-se da rigorosa seleção através dos critérios já estabelecidos na Fase 1 e avaliação sistemática dos trabalhos selecionados, os resultados deverão ser cuidadosamente registrados (Formulários 1 e 2). Na etapa 3 da Fase 2, cuida-se da Documentação e do Arquivamento, que é a organização de tudo o que foi coletado e selecionado, devendo ser preenchido um formulário, numa estrutura de fichamento, individualmente, para os trabalhos que foram selecionados ao passar por todos os filtros (Formulário 3).

Por fim, a Fase 3 “Saída”, em que os autores orientam: 3.1 Solicitação de recebimento de informações quando novos trabalhos sobre o tema forem publicados; 3.2 Cadastro e arquivamento dos artigos e Formulários finais (Nº 3) com suporte de *software* apropriado para tal tarefa; 3.3 Elaboração de relatório, em que conste a síntese e os resultados da pesquisa.

3.7 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

A proposta deste estudo representa o primeiro passo para a construção do conhecimento, trata-se de uma base com resultados iniciais, limitando-se a estudo bibliográfico, sem campo, por isso provavelmente não trará respostas a questionamentos que possam surgir sobre o tema, porém pretende servir de subsídio para demais pesquisas. Além disto, buscas executadas em outras bases de dados, com recorte temporal diferente e outros métodos podem trazer resultados diferentes.

4. RESULTADOS

Nesta seção, serão apresentados os resultados das buscas realizadas nas plataformas CAPES, EBSCO Search e Wiley, seguindo abordagens quantitativa e qualitativa.

4.1 DADOS QUANTITATIVOS

Na presente revisão sistemática, foram aplicadas nas plataformas os seguintes termos de busca para o levantamento das obras: “*coworking*”; “espaço de trabalho compartilhado” e “*collaboration workplace*”. Outros termos foram testados para as buscas nas plataformas, mas foram desconsiderados por não apresentarem resultados interessantes para a pesquisa, tal como “*shared workplace*”. E adotados os critérios de inclusão, conforme descritos da seção 3: obras relacionadas ao objeto de estudo; nos idiomas português, inglês e espanhol; considerados artigos, dissertações e teses publicados nos últimos dez anos (entre 2007 e 2017).

Na plataforma CAPES, ao executar a busca com o termo “*coworking*”, resultou num total bruto de 1.461 obras, e ao aplicar os critérios de inclusão, este número reduziu para 93 obras, dentre estas, 05 obras foram selecionadas no primeiro filtro, sendo 4 artigos e 1 tese de doutorado; o termo de busca “espaço de trabalho compartilhado” resultou em 290 obras no total bruto, 32 obras após selecionar os critérios de inclusão, sendo 1 artigo selecionado no filtro 1; com o termo “*collaboration workplace*”, 155.454 obras foram o resultado bruto da pesquisa, este número baixou para 4.927 obras após inclusão dos critérios, em que um artigo foi escolhido no filtro 1.

É válido esclarecer que, durante a busca com o termo “*collaboration workplace*”, no CAPES, a plataforma apresentava o resultado no número de 4.927 obras, porém apenas mostrava até 2.001 obras. Nas três tentativas de prosseguir com o levantamento das obras, a plataforma apresentava a seguinte mensagem:

“Suggestions:

- Make sure all words are spelled correctly.
- Try different keywords.
- Try more general keywords.
- Try fewer keywords.”

E não permitia a continuidade da busca.

Na plataforma EBSCO Search, utilizando o termo “*coworking*”, foram apresentadas 130 obras no total bruto, e após inclusão dos critérios, este número reduziu para 49 obras, em que 02 obras já haviam surgido nas buscas no CAPES. Sem considerar estas 02 obras em duplicidade, 05 artigos foram selecionados no filtro 1. O total bruto de 89 obras fora o resultado para o levantamento usando o termo “espaço de trabalho com partilhado, este resultado baixou para 82 obras com a inclusão dos critérios, porém, nenhuma obra foi selecionada. Utilizando o termo “*collaboration workplace*”, o total bruto resultou em 272 obras, que reduziu para 152 obras, depois de inseridos os critérios de inclusão, mas nenhuma obra foi selecionada.

A busca realizada na plataforma Wiley resultou em 88 obras, com o termo “*coworking*”, que reduziu para 49 obras após inclusão dos critérios, dentre estes, 01 artigo foi selecionado no filtro 1. Com o termo de busca “espaço de trabalho compartilhado”, apenas 01 artigo apareceu no resultado bruto, mas não foi selecionado. Ao utilizar o termo de busca “*collaboration workplace*”, a plataforma apresentou o total bruto de 22.717 obras, e após inserir os critérios de inclusão, este número reduziu para 15.185 obras, porém nenhuma obra foi considerada interessante para os fins desta pesquisa. Para melhor compreensão destes resultados, conferir o quadro abaixo:

Quadro 04 – Filtro 01

Totais – Filtro 1		<i>Coworking</i>	Espaço de trabalho compartilhado	<i>Collaboration workplace</i>
CAPES	Bruto	1.461	290	155.454
	Com critérios	93	32	4.927
	Selecionadas	05	01	01
EBSCO Search	Bruto	130	89	272
	Com critérios	49	82	152
	Selecionadas	05	00	00
Wiley	Bruto	88	01	22.717
	Com critérios	49	01	15.185
	Selecionadas	01	00	00

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

No filtro 2, foi observado se cada obra selecionada no filtro 1 está relacionada aos objetivos e se, de fato, interessa à pesquisa. Das 07 obras selecionadas nas buscas realizadas na plataforma CAPES, 03 obras foram descartadas, sendo 04 aproveitadas no filtro 02. Das 05 obras escolhidas na plataforma EBSCO Search, 02 foram descartadas e 03 obras aproveitadas. O único artigo selecionado nas buscas no Wiley foi descartado no filtro 02. O resultado da seleção pode ser conferido no quadro a seguir:

Quadro 05 – Filtros 01 e 02

Seleção das Obras	CAPES	EBSCO Search	Wiley
Filtro 1	07	05	01
Filtro 2	04	03	00

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Para melhor entendimento do resultado geral das buscas, e dos respectivos aproveitamentos, conferir dados no quadro abaixo:

Quadro 06 – Resultado Geral

Resultado Geral		CAPES	EBSCO Search	Wiley
Filtro 1	Total Bruto	157.205	491	22.806
	Selecionadas	07	05	01
	Descartadas	157.198	486	22.805
	Aproveitamento (% aproximada)	0,0044%	1,0183%	0,0043%
Filtro 2	Selecionadas	04	03	00
	Descartadas	03	02	01
	Aproveitamento (% aproximada)	57,1428%	60%	0%

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

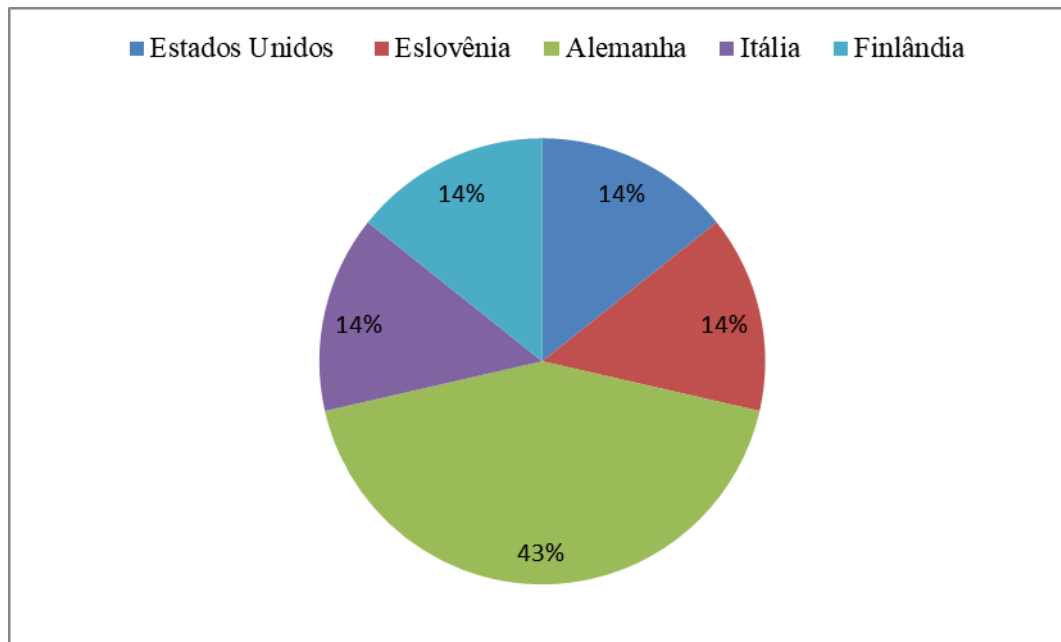
Um dos critérios de inclusão para a seleção das obras foi o parâmetro temporal dos últimos dez anos, ou seja, obras publicadas entre 2007 e 2017, e dos 07 artigos resultantes, até o momento em que foi feito o levantamento, 01 publicação foi feita em 2012, 03 publicações

aprendizado, recursos, suporte social, espaço colaborativo, cocriação, telecomunicação, inovação, auto eficácia, entre outros temas. Com isso, é possível afirmar que o *coworking* está conectado a demais assuntos da atualidade, um cenário rico em aspectos a serem estudados e discutidos.

Os artigos foram publicados nos periódicos: *Journal of Business and Technical Communication*, *Review of Managerial Science*, *Frontiers in Psychology*, *Library Hi Tech*, *Teorija in Praksa e Ephemera – theory & politics in organization*, sendo dois artigos publicados neste último periódico e apenas um nos demais.

Observando as instituições nas quais os autores dos artigos são vinculados (*The University of Texas at Austin*, *University of Bayreuth*, *University of Vienna*, *Humboldt University of Berlin*, *Aalto University*, *University of Ljubljana*, e *University of Milan*), destacam-se os países: Estados Unidos, Alemanha, Áustria, Finlândia, Eslovênia e Itália. Nesta busca, não foram encontradas obras produzidas no Brasil.

Gráfico 1 – Produção por país



Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Na produção dos artigos, três originaram-se em autoria individual, três produzidos por dois autores e um criado pela parceria de quatro autores. Neste levantamento, não foi

encontrada mais de uma produção por autor. Destaca-se que todas as obras publicadas nos anos de 2015 e 2016 apresentadas neste trabalho fazem referência à produção de Spinuzzi (2012). O quadro a seguir auxiliará na melhor compreensão sobre estas publicações.

Quadro 08- Publicação dos artigos

Periódico	Autor(es)	Ano
Journal of Business and Technical Communication	Clay Spinuzzi	2012
Teorija in Praksa	Andrej Rus; Marko Orel	2015
Ephemera - theory & politics in organization	Janet Merkel	2015
Ephemera - theory & politics in organization	Alessandro Gandini	2015
Review of Managerial Science	Ricarda B. Bouncker ; Andreas J. Reuschl	2016
Frontiers in Psychology	Cornelia Gerdenitsch; Tabea E. Scheel; Julia Andofer; Christian Korunka	2016
Facilities	Inka Kojo; Suvi Nenonen	2016

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

O periódico *Journal of Business and Technical Communication* possui fator de impacto de 1.062 (2016), não localizado na plataforma Sucupira. Suas publicações são feitas em associação com a Universidade Estadual de Iowa (EUA) e a *SAGE Publishing* como editora. Sua produção abrange assuntos relacionados à comunicação, em suas diversas formas (escrita, oral e eletrônica), tanto em meio empresarial quanto em ambiente acadêmico, que envolve temáticas referentes a negócios, ciência e governo.

Vinculado à Faculdade de Ciências Sociais da Universidade de Luibiana (Eslovênia), o periódico *Teorija in Praksa*, desde 1998, possui a política de estimular abordagens inter e multidisciplinares nas pesquisas referentes a temas sociais, de maneira que se relacionem com

outros campos das ciências sociais e humanas. Não encontrado o fator de impacto ou a classificação Qualis Capes.

Fundada em 2001, a revista *Ephemera – theory & politics in organization* volta-se para temas teóricos e políticos referentes a questões organizacionais, fornecendo acesso gratuito aos leitores. Segundo o Qualis Periódicos, possui a classificação B3 em Administração Pública e Empresas, Ciências Contábeis e Turismo. Não foi localizado o fator de impacto da revista.

A revista *Review of Managerial Science* publica sobre diversas áreas da ciência abordando temas referentes à gestão de negócios, estimulando a inovação nas pesquisas. Possui fator de impacto 1.226 (2016), a revisão rigorosa por pares é característica deste periódico. Tem a Springer como a sua editora. Não encontrada a classificação na plataforma Sucupira.

O periódico *Frontiers in Psychology*, segundo o Qualis Periódicos, em Administração Pública e Empresas, Ciências Contábeis e Turismo tem classificação A2, e fator de impacto 2.323 (2016). A *Frontiers in Psychology* publica pesquisas multidisciplinares, disseminando conhecimento de interesses acadêmicos, clínicos e para o público em geral por todo o mundo.

A revista *Facilities* é um periódico multidisciplinar, a qual traz conteúdos relacionados a fatores econômicos e sociais. Tem a *Emerald Publishing* como editora, e classificação B3 em área interdisciplinar, segundo o Qualis Periódicos. Não encontrado o fator de impacto referente a este periódico.

4.2. DADOS QUALITATIVOS

Este levantamento, após aplicação dos filtros propostos, resultou em 07 artigos selecionados, quais sejam: “*Working alone, together: coworking as emergent collaborative activity*”, Spinuzzi, 2012; “*Coworking: a community of work*”, Rus & Orel, 2015; “*Coworking in the city*”, Merkel, 2015; “*The rise of coworking spaces: a literature review*”, Gandini, 2015; “*Coworking-spaces how a phenomenon of the sharing economy builds a novel trend for the workplace and for entrepreneurship*”, Bouncker & Reuschl, 2016; “*Coworking spaces: a source of social support for idependent professionals*”, Gerdenitsch et al, 2016; “*Typologies for co-working spaces in Finland – what and how?*”, Kojo e Nenonen, 2016. Nesta seção, serão apresentadas outras informações acerca destas obras.

4.2.1 Características dos artigos

Em relação aos objetivos dos artigos selecionados, é possível notar uma semelhança entre estes, no que se refere à busca por respostas que trarão maior conhecimento e esclarecimento sobre o *coworking* e até criar uma tipologia para os espaços (SPINUZZI, 2012; RUS e OREL, 2015). Provavelmente, a explicação para tal fato seja a novidade do assunto em abordagem científica (LIMA e MIOTO, 2007).

A pesquisa exploratória e descritiva de Spinuzzi (2012), no estudo de caso múltiplo, teve foco em como os usuários constroem o trabalho colaborativo, para tal, entrevistou 9 proprietários e 17 usuários de *coworking* no Texas (EUA), além de ter coletado materiais escritos (planos de negócios, publicidade) e informações dos *websites* destes espaços.

Rus e Orel (2015), através do trabalho bibliográfico e estudo de caso único, buscaram descobrir qual a razão e qual a origem da crescente demanda para o *coworking*, com essa finalidade, estudaram a literatura disponível e analisaram documentos criados pela comunidade do *coworking*.

Merkel (2015) desenvolveu uma pesquisa exploratória e indutiva, em que entrevistou 25 proprietários/gestores de *coworking* em Berlim (Alemanha), Londres (Inglaterra) e Nova Iorque (EUA), além de dados coletados em pesquisas sobre o tema. Dedicou seu trabalho para compreender como os espaços *coworking* hospedam seus usuários, bem como a atuação dos proprietários/gerentes para fomentar a interação, a criatividade e a produtividade entre os *coworkers*.

A pesquisa desenvolvida por Gandini (2015) tem o objetivo de verificar se estes espaços são de fato a resposta positiva para a classe criativa e solução para a economia atual. O autor não deixa evidente quais métodos foram aplicados, apenas expõe que se baseou nas motivações, expectativas correspondidas e benefícios percebidos pelas pessoas que usufruem de espaços *coworking*.

Bouncker e Reuschl (2016) apontam que faltam pesquisas explorando como acontece o processo em um *coworking* e como pode favorecer a vida econômica dos usuários. Dado isso, os autores realizam a presente pesquisa com esse desafio e ainda, propõe um modelo conceitual com o que chamam de mecanismos-chave para estes espaços. Não deixam claro qual a metodologia aplicada, mas é possível perceber que foi feita uma análise na literatura já publicada.

Através de pesquisa qualitativa e quantitativa, Gerdenitsch et al. (2016) realizam dois estudos, no primeiro busca descobrir se os espaços *coworking* são meios de apoio social, e, no estudo dois, quais os efeitos desse apoio. Foram aplicados questionários, no estudo um, a 69 *coworkers*, e, no estudo dois, a 154 *coworkers* e 609 colaboradores com vínculos tradicionais de emprego. Vale destacar que se trata de estudo internacional, pois os contribuintes da pesquisa são de nacionalidades diversas, além de variações em gênero, idade, grau de instrução e profissão.

Kojo e Nenonen (2016) propõem uma categorização dos tipos de locais de trabalho compartilhados, num contexto envolvendo diferentes possibilidades de trabalhar e prestar serviços. Nesta pesquisa qualitativa, além de revisão da literatura, incluindo informações de *websites*, eventos e publicidade, as autoras entrevistam 15 proprietários/gestores que se enquadram neste cenário, dentre estes, o tema em foco, espaços *coworking*. As entrevistas foram feitas a gerentes de lugares compartilhados na capital da Finlândia, Helsinque, abordando temas sobre história e características dos locais, serviços oferecidos, soluções e usuários.

O quadro a seguir auxiliará na compreensão, em resumo, sobre o teor desta produção:

Quadro 09 – Objetivos e Métodos dos artigos

Referência	Objetivo(s)	Método(s)
Spinuzzi (2012)	Explorar os aspectos: objeto (o que), atores (quem) e resultados (porque).	Estudo de caso múltiplo. Realiza entrevistas e coleta documentos
Rus e Orel (2015)	Explicar a razão do crescimento do nº de <i>coworkings</i>	Estudo de caso
Merkel (2015)	Entender como os usuários são acomodados e as atividades são coordenadas	Entrevistas e coleta de dados de diversas fontes
Gandini (2015)	Analisar criticamente a literatura	Não explica
Bouncker e Reuschl (2016)	Criar um modelo conceitual	Não explica
Gerdenitsch et al (2016)	Verificar se o <i>coworking</i> implica em um meio de apoio social e quais os efeitos disso	Questionários
Kojo e Nenonen (2016)	Elaborar uma tipologia de espaços compartilhados e descrever as principais características	Entrevistas e coleta de dados de diversas fontes

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

É possível perceber nestas obras a intenção de descobrir e explicar sobre o assunto (Spinuzzi (2012); Rus & Orel (2015); Merkel (2015); Bouncker e Reuschl (2016); Gerdenitschet al (2016), criar uma espécie de tipologia (Kojo e Nenonen (2016) e ainda confrontar num parecer crítico o que foi produzido e afirmado até o momento (GANDINI, 2015.)

São seis obras qualitativas e um artigo quantitativo e qualitativo. Apesar de alguns autores não esclarecerem a natureza da pesquisa, com base nos objetivos, nota-se, na maioria, a intenção exploratória e descritiva. Quanto às técnicas, 3 estudos afirmam ter realizado entrevistas e coletado informações em sítios eletrônicos, material de publicidade ou documentos produzidos pela comunidade *coworking*; em 2 pesquisas realizaram estudo de caso; e em 1 pesquisa houve aplicação de questionários.

Considerando a quantidade de obras levantadas e o teor destas pesquisas, esse resultado corrobora com a afirmação de Spinuzzi (2012) e Capdevila (2014b) ao relatarem a carência de estudos sobre o assunto, o que fora reafirmado posteriormente: *“Although there has been na increase in the number of coworking spaces, scientific research has still not paidad equate attentions o this emerging office environment”* (GERDENITSCH et al., 2016, p. 02). Este trecho pode ser interpretado da seguinte maneira: Embora tenha havido um aumento no número de espaços de *coworking*, a investigação científica ainda não prestou atenção adequada a este ambiente de escritório emergente.

4.2.2 Principais teorias adotadas

Para analisar o objeto de estudo, Spinuzzi (2012), abordou o tema como uma atividade colaborativa emergente e adotou a Teoria da Quarta Geração da Atividade (4GAT), a qual foca em observar o objeto (o que), os autores (quem), os resultados (porque) e interpretar as contradições encontradas nas explicações desses 3 fatores.

Rus e Orel (2015) focam nas mudanças ocorridas no mercado de trabalho nos últimos anos, tanto nas organizações quanto nos trabalhadores, e registram o surgimento do que chamam da “classe criativa”, representados por profissionais independentes e inovadores, com demandas e aspirações específicas.

Na obra de Merkel (2015), percebe-se que o *coworking* foi analisado como uma prática social urbana recente, a qual configura novos formatos de trabalho e permite colaboração entre os usuários.

Gandini (2015) parte do princípio que a crise econômica global influenciou em transformações nas práticas de trabalho, principalmente na economia do conhecimento. Dentre estas mudanças estão o número crescente de espaços *coworking* pelo mundo, por conta disso decide investigar qual o contexto do fenômeno, numa revisão crítica da literatura.

Bouncker e Reuschl (2016) notam um aspecto ainda não explorado sobre o tema e buscam compreender como o processo acontece, para tal, adotam como plano de fundo a economia do compartilhamento.

Gerdenitsch et al. (2016) exploram as interações sociais no contexto do trabalho e analisam se podem ser uma fonte de apoio social nos espaços *coworking*, entendida como troca de recursos tangíveis ou intangíveis com a intenção de ajudar, e ainda verificam os efeitos deste apoio social para *coworkers* e para funcionários tradicionais.

Num contexto sobre globalização e evolução em tecnologia da informação e comunicação, Kojo e Nenonen (2016) expõem sobre surgimento de novas maneiras de trabalhar, de forma remota e flexível, o que provoca mudanças nos locais de trabalho, eis os espaços de trabalho compartilhados. Ao apresentarem as características gerais, as autoras se referem ao “local de trabalho baseado em atividades (ABW)” (p. 303), que consiste na opção de escolher a estação de trabalho mais apropriada, ou preferida, para realização de tarefa atual.

Destaca-se, também, que a produção sobre o tema não é vasta, apenas 7 estudos relacionados ao assunto numa busca executada em 3 bases diferentes. De alguma maneira, todas as pesquisas relatam as mudanças ocorridas em consequência da globalização e dos avanços tecnológicos e se voltam a observar um aspecto não explorado sobre o assunto, porém sem repetir a temática pela qual seria analisado o fenômeno.

Neste levantamento, não foi localizado um artigo teórico. Em cada obra, uma teoria diferente foi aplicada e conceitos distintos utilizados. Não foi apontada nenhuma teoria formulada a partir do *coworking*, isso indica a falta de embasamento teórico consistente acerca do tema nos artigos encontrados. Estes são mais alguns aspectos que ressaltam a novidade do tema para a ciência.

Observando o enfoque de cada pesquisa, nota-se que um fator foi levado em consideração por todos os autores, a questão da necessidade dos usuários, as pessoas que utilizam os espaços *coworking*. Foi dada atenção a esse fator em todos os estudos localizados nesta busca, seja a necessidade em aspecto social (SPINUZZI, 2012; MERKEL, 2015; GERDENITSCH et al, 2016), econômico (GANDINI, 2015; BOUNCKER e REUSCHL, 2016) ou profissional (RUS e OREL, 2015; KOJO e NENONEN, 2016).

4.2.3 Principais conceitos criados

Spinuzzi (2012) toma como exemplo o conceito encontrado na página Coworking Wiki, no entanto o considera impreciso. O autor dedica seu estudo a compreender o objeto e seus aspectos. Como conceito, expõe o *coworking* como um espaço alternativo para trabalhar, em que há semelhanças e distinções em relação ao objeto, usuários e motivações para optarem trabalhar nestes locais. Descreve duas classes de *coworking*, que são os que englobam o trabalho em paralelo, com uma política de bons vizinhos; e o trabalho cooperativo, com uma política de bons parceiros.

Com a política de bons vizinhos, os *coworkers* concordam em colaborar um com o outro a fim de manter o local propício para realização de suas atividades, em que todos os participantes usufruem; com a política dos bons parceiros a colaboração acontece num vínculo mais forte, pois os usuários se empenham em ajudar também nas atividades particulares de cada um, numa interação mais ativa para o conjunto de *coworkers*.

Rus e Orel (2015) chamam a atenção para o desafio de conceituar *coworking*, pois pode ser visto de forma instrumental, em que pessoas em busca de estrutura para trabalho, dividem um espaço e pelas circunstâncias compartilham recursos e conhecimento, colaborando umas com as outras; ou ser entendido com foco na comunidade, em que profissionais optam por este formato intencional e conscientemente a procura de interação, numa cultura de compartilhamento, formando uma comunidade do trabalho.

Merkel (2015) aborda o *coworking* como a prática de *freelancers* e profissionais independentes trabalharem lado a lado, porém numa configuração laboral flexível e compartilhada. A autora enfatiza que a abordagem colaborativa trazida pelo *coworking* é o que o diferencia das demais formatações de espaços de trabalhos. Trata-se de um modelo por meio do qual são promovidos valores de: “comunidade, colaboração, abertura, diversidade e

sustentabilidade” (MERKEL, 2015. P. 124), no entanto a mesma afirma que a definição do *coworking* e suas propriedades estão sujeitos a mudanças pela própria comunidade. Sob a ótica da autora, a prática em foco pode acontecer em outros locais além dos espaços preparados para tal finalidade, de forma esporádica, por exemplo, se uma organização convidar outros profissionais para integrar a equipe temporariamente.

Gandini (2015) explica que o termo *coworking* (sem hífen) caracteriza realizar o trabalho particular contando com a colaboração de outros, diferente da palavra *co-working* (com hífen), que significa um conjunto de trabalhadores executando uma atividade. Apresenta o fenômeno como uma terceira opção entre o escritório tradicional e o *Home Office*, sendo os espaços compartilhados por profissionais do conhecimento, por meio de aluguel de mesas e conexão *wi-fi* basicamente, participando de relações sociais numa rotina independente.

Bouncker e Reuschl (2016) enfatizam a economia do compartilhamento e esclarecem que isso acontece em duas vertentes: partilha de recursos físicos como a estrutura do escritório, as salas e a cafeteira, por exemplo; e a partilha de recursos intangíveis, que são as informações e ideias. Além disso, as autoras evidenciam a autonomia, flexibilidade, acesso a boa localização, interação social e pouca preocupação com questões administrativas são fatores desfrutados pelos usuários de espaços *coworking*.

O conceito de *coworking* é apresentado na obra de Gerdenitsch et al. (2016) como ambiente de escritório compartilhado por profissionais predominantemente independentes, como *freelancer* ou trabalhador remoto, apontado como possível solução para isolamento de casa, além de fornecer estrutura adequada para trabalhar e oportunidade de interação social.

Kojo e Nenonen (2016) tratam sobre locais compartilhados de forma generalizada, abordando sobre ambientes em que aspectos sociais são levados em consideração mais que em escritórios tradicionais, característica relacionada ao senso de colaboração e economia do compartilhamento, principalmente frequentados por trabalhadores independentes e/ou remotos. No entanto, quando explicam sobre espaços do tipo *coworking*, analisando como oferta, descrevem escritórios compartilhados associados a um pacote de serviços, geralmente a partir de arrendamento com curto espaço de tempo (uma hora, por exemplo).

Notam-se pontos comuns quando os autores falam em compartilhamento em suas diferentes maneiras Rus e Orel (2015), Gandini (2015), Bouncker e Reuschl (2016), Gerdenitsch et al (2016), Kojo e Nenonen (2016); colaboração Spinuzzi (2012), Merkel

(2015) e Gandini (2015); flexibilidade Merkel (2015), Bouncker e Reuschl (2016); terceira opção/espço alternativo Spinuzzi (2012), Gandini (2015), Gerdenitsch et al (2016).

Neste aspecto, apesar de algumas concordâncias, uma multiplicidade de conceitos e definições foi coletada, por exemplo, o *coworking* analisado como espaço, prática ou oferta; diversidade nas tipificações de interação dos usuários. Talvez, para estas diferenças, a justificativa esteja na cultura distinta de cada local em que foi realizada a pesquisa que implica em um comportamento diferente da comunidade, pois, como já apresentado, os autores dos artigos são de nacionalidades diferentes.

É possível perceber características comuns e também peculiaridades ao tratar de *coworking*, o que corrobora com o estudo de Spinuzzi (2012), ou ainda a afirmação de Merkel (2015) quando explica que o conceito está sujeito a mudanças pela própria comunidade. Como Rus e Orel (2015) disseram, conceituar este fenômeno é um desafio.

4.2.4 Principais resultados

Spinuzzi (2012) constatou semelhanças, mas também contradições em cada um dos aspectos, além das particularidades dos espaços *coworking*. Há um consenso em entender o espaço *coworking* como uma alternativa para trabalhar, sem o isolamento do *home Office*, as distrações de uma cafeteria ou contratação de sala de aluguel, além de proporcionar uma estrutura adequada para o trabalho. Opção para profissionais autônomos, *freelancers*, aos que prestam serviços por meio de tele trabalho ou ainda empresários.

Porém, ao observar o objeto, um dos espaços visava proporcionar um ambiente tranquilo, propício para o usuário concentrar-se, oferecendo locais específicos para as pessoas conversarem; o oposto acontece em outro *coworking*, onde é estimulada a interação entre os profissionais, a fim de trocarem ideias e até formarem parcerias em projetos, havendo locais específicos para os usuários que desejam maior tranquilidade para realizar suas atividades. Enquanto um local é reconhecido por ter um *layout* mais profissional e agradável aos empresários para receberem clientes, outro é apontado como ideal por proporcionar um espaço relaxante e confortável, com um *design* mais despojado.

Uma característica semelhante é a flexibilidade de acesso, porém muda de lugar para o lugar o quão flexível é para os usuários, bem como horário de funcionamento e preço pelo usufruto.

Ao analisar os autores, ou seja, os usuários, a maioria seguia o ramo voltado para tecnologia. E referente ao resultado, razão por optar atuar em um espaço *coworking*, todos os entrevistados relataram tentativa de trabalhar em casa ou em cafeteria, em ambos os contextos, sem sucesso. O isolamento em casa, o consumo obrigatório em cafeterias, as distrações comuns nestes ambientes, a estrutura não profissional fizeram procurar outro lugar. Fatores apontados como vantagens foram a flexibilidade oferecida a preço em conta para acesso, troca ideias e conhecimento com os outros usuários, com possibilidade de firmar parcerias.

Em resumo, entre algumas semelhanças, o Spinuzzi (2012) conclui existir a diversidade de perfis de usuários e espaços que proporcionam atmosferas distintas. Sugeriu duas classes de espaços *coworking*, que são: os que englobam o trabalho em paralelo, com uma política de bons vizinhos, e o trabalho cooperativo, com uma política de bons parceiros.

No primeiro caso, os trabalhadores interagem, possuem objetivo comum de ter um local propício para trabalhar e receber clientes, e há confiança entre eles no sentido de não se preocupar em deixar os pertences no local, não há necessariamente uma colaboração entre eles para realizarem suas atividades. No segundo caso, os usuários almejam uma atmosfera mais relaxante, em que haja cooperação e surgimento de projetos em conjunto, prestação de serviço entre eles e troca de ideias.

Rus e Orel (2015), ao buscarem descobrir a razão da atratividade dos espaços *coworking*, encontraram resposta na combinação entre trabalho e comunidade. O fator trabalho leva em consideração as novas possibilidades de atuação dos trabalhadores, incluindo a flexibilidade nas atividades; o fator comunidade considera um grupo com laços fortes o suficiente para existir partilha de ideias e conhecimento entre os integrantes, no entanto há abertura para inclusão de novos membros. Desta forma, os espaços *coworking* são uma solução para a classe criativa, um lugar com estrutura para trabalhar e propício para interagir e compartilhar.

No estudo de caso apresentado, os autores explicam como aquele espaço *coworking* surgiu, seguindo quatro fases, que são: aprendizagem (pesquisas sobre o fenômeno), construção de comunidades (reunir profissionais autônomos interessados em compartilhar um espaço para trabalho, uma vez por semana no centro cultural de Ljubljana), testes do solo (experiência de trabalhar em outro local, abertos a visitantes, como uma espécie de laboratório

pré-*coworking*) e criação de comunidades (membros da comunidade mobilizados para juntos criarem o *coworking* nas instalações de uma antiga fábrica na cidade).

Explicam que a formação da comunidade anterior à fundação do espaço contribuiu positivamente para firmar o estabelecimento, porém deixam claro que não devem ser feitas generalizações, pois outros espaços podem vir a surgir de formas diferentes e serem tão bem sucedidos quanto o do caso em questão.

Os autores ainda sugerem que decisões políticas em favor de investimentos para os espaços *coworking* já existentes seriam muito importantes, pois a maioria destes espaços funciona com a sustentabilidade financeira em risco, já que a finalidade não está no lucro, mas sim no compartilhamento, significa que a depender da quantidade de adesões um local pode vir a fechar e deixar de abrigar uma comunidade.

Merkel (2015) conclui que os espaços *coworking*, cuja propagação ocorreu de forma intensa após crise de 2007, são uma solução para os *freelancers* e outros profissionais independentes ou com atuação laboral flexível para fugir do isolamento de casa e da inadequação das cafeterias, por um vantajoso custo-benefício. Não apenas um escritório compartilhado, mas uma alternativa para acomodar as novas formas de trabalho, abraçando uma cultura de compartilhamento e criatividade, e ainda trazendo benefícios para as cidades. Expõe que cada espaço *coworking* utiliza diferentes estratégias para a prática acontecer, neste ponto, acusa que a figura do anfitrião é crucial, com ações como promoção de eventos, programas de aprendizagem e reuniões regulares, apresentação das habilidades dos participantes, além do arranjo físico com *design* que corrobore com a proposta e facilite a interação entre os membros. Como exemplifica em seu artigo, numa experiência pessoal, em um espaço sentiu-se uma cliente anônima, e em outro espaço ocorreu uma recepção mais calorosa, pois foi apresentada aos demais e convidada para eventos.

A autora explica que são diversas as razões para optar por trabalhar em um espaço compartilhado (motivação social, cultura do compartilhamento, flexibilidade e economia), no entanto para a prática do *coworking* acontecer, carece da atuação do gestor. Afirma ser de fundamental importância os estímulos que o anfitrião fornece aos usuários, inicialmente estranhos uns aos outros, para a formação da comunidade *coworker*. Merkel (2015) classifica dois tipos de anfitriões: o “provedor de serviços” o qual está engajado em manter um bom ambiente para todos e uma adequada prestação de serviços, e o “visionário” é aquele dedicado a gerar interação e compartilhamento, contribuído para o fenômeno acontecer.

Merkel (2015) alerta que o processo de gentrificação das cidades pode ser prejudicial aos espaços em questão, pois tornar os bairros mais elitizados e caros influencia diretamente nos custos para manter as portas abertas, e assim os gestores precisam cobrar taxas mais altas para usufruto do *coworking*, contrariando uma das características típicas destes lugares. A autora sugere para pesquisas futuras: maior aprofundamento sobre a atuação dos anfitriões, os tipos de espaços *coworking*, como este fenômeno constitui uma prática social e se relaciona com as transformações urbanas.

Gandini (2015) questiona se o *coworking* pode ser uma “bolha” na economia do conhecimento, busca entender se é uma solução para problemas dos trabalhadores modernos ou se é uma “moda” passageira. Explica que os espaços são opção para *freelancers*, profissionais que escolheram não seguir carreira numa empresa tradicional e por desempregados, considerando os benefícios econômicos, sociais e profissionais desfrutados nestes lugares.

Um ponto interessante levantado pelo autor está relacionado aos frequentadores. O usuário pode se sentir inserido em comunidade e desenvolver o aspecto social profissionalmente, ou, considerando a similaridade nas áreas de atuação dos colegas, sentir uma concorrência acontecendo entre eles. Sugere pesquisa futura sobre essa questão.

Após estudo, Gandini (2015) esclarece que ainda não se pode afirmar que ocorre uma mudança concreta cujo contexto abraça a classe criativa dos trabalhadores do conhecimento, visto que a proliferação desse modelo veio acontecer com a recessão financeira após a crise global, ou seja, pode se tratar de um fenômeno temporário que abriga profissionais não bem estabelecidos.

Quanto ao modelo conceitual, Bouncker e Reuschl (2016) afirmam que o *coworking* proporciona o auto emprego, por questão de escolha ou consequência do desemprego, e fazem associação ao desempenho, em que a aprendizagem entre os usuários impulsiona o desempenho individual, entendendo o compartilhamento como facilitador para a criação colaborativa de bens e serviços, proporcionando benefício de forma econômica e empresarial.

As autoras explicam ainda que a confiança e a comunidade contribuem para que haja a aprendizagem, no entanto, alertam sobre o risco do oportunismo, ou seja, do uso indevido das informações coletadas por algum usuário, como também do risco da distração no trabalho. Para pesquisas futuras Bouncker e Reuschl (2016) sugerem estudo aprofundado sobre as razões não-econômicas para trabalhar em um espaço compartilhado, investigação da eficácia

dos trabalhos desenvolvidos nos espaços *coworking*, desafios e riscos relacionados ao tema e teste do modelo conceitual criado por elas mesmas.

Ao revelarem os resultados dos dois estudos propostos, Gerdenitsch et al (2016) expõem que a interação entre os usuários torna-se apoio social, entendido como troca de recursos tangíveis ou intangíveis com a intenção de ajudar, é este o resultado do estudo 1, após aplicação de questionários a uma amostra de 69 *coworkers*, de 8 espaços *coworking* diferentes.

São identificadas 4 categorias de apoio: interação social informal (interação básica, como tomar café em conjunto), troca de informações (conversam sobre trabalho e projetos), apoio instrumental (prestam ajuda como *feedback*, *brainstorming* ou *coaching*) e colaboração (quando os colegas se envolvem um no projeto do outro, trabalham juntos). Não é possível afirmar que todo usuário se envolve em interação social, mas percebe-se que apoio social é uma realidade nos espaços *coworking*.

No segundo estudo, Gerdenitsch et al. (2016) identificam os efeitos desse apoio social, comparando os resultados entre os *coworkers* (amostra de 154 pessoas) e colegas tradicionais (amostra de 609 funcionários), ambas as amostras contam com participação internacional, sendo a maioria dos voluntários europeus. Os autores testam as seguintes hipóteses: 1 – apoio social está positivamente associado à satisfação com desempenho auto avaliado; 2 – a auto eficácia medeia o apoio social e a satisfação de desempenho; 3 – este efeito mediador é mais forte quando houver maior pressão do tempo. A fim de encontrar as respostas, os questionários abordaram temas acerca de suporte social, pressão do tempo, auto eficácia, satisfação do desempenho, além que questões para identificar o perfil da amostra.

A primeira hipótese mostra-se realidade nas duas formas de trabalho, *coworking* e escritório tradicional; a segunda hipótese é sustentada apenas nos ambientes tradicionais de emprego; e a hipótese três foi apoiada apenas pela amostra de *coworkers*. Sobre o perfil, a maioria (83%) afirma interesse em envolver-se em interação social como principal razão para trabalhar em espaço *coworking*. Gerdenitsch et al. (2016) explicam que escritórios compartilhados facilitam o apoio social, mas também devem cuidar de satisfazer outras necessidades como oferecer a opção de ambientes tranquilos para realização de trabalhos que exigem maior concentração do profissional. Para pesquisas futuras, sugerem explorar outros aspectos da atmosfera social; investigar antecedentes, ativadores e consequências no contexto do suporte social no *coworking*; pesquisar os efeitos negativos deste cenário.

Kojo e Nenonen (2016) constroem uma tipologia conforme o objetivo proposto. Observam a variedade de espaços compartilhados sob a perspectiva de dois eixos, a lucratividade: sem fins lucrativos (bibliotecas ou cafeterias, por exemplo, apesar de ser preciso consumir algo para estar em uma cafeteria) ou com fins lucrativos (incubadoras e estúdios, por exemplo); e a acessibilidade: público, semi-público ou privado, que podem ser sobrepostas, em um momento serem ofertados programas para usuários habituais e em outro momento serem realizadas tarefas abertas ao público em geral, no entanto as duas situações acontecerem no mesmo local.

Quanto aos espaços como *coworking*, a utilização implica em custo, conforme o uso, geralmente no tempo de 1h pra cima, e requer uma pré-inscrição do usuário. Frequentados na maioria das vezes por *freelancers* e proprietários de pequenas empresas, porém donos de empresas maiores podem usufruir destes ambientes em ocasiões eventuais.

Os pacotes de serviços oferecidos variam em cada local, alguns disponibilizam o básico como cadeiras, mesas, conexão a internet, máquina de café, acesso a sala de reuniões e serviço de limpeza, outros lugares ofertam diferenciais que incluem armário, cozinha, jornal, locais para eventos e ambientes silenciosos para atividades que requeiram maior concentração. O apoio a atividades colaborativas são realidade em alguns destes locais, em outros, não.

Kojo e Nenonen (2016) concluem que a tipologia esclarece a diversidade dos espaços compartilhados e evidenciam a necessidade de serem ofertadas soluções para trabalho cooperativo. Como limitação do estudo, as autoras apontam o fator geográfico, e, para pesquisas futuras, sugerem experimento com diferentes culturas e análise do comportamento relacionado à escolha do profissional em atuar em um espaço compartilhado.

No que se refere à promessa de trazer soluções aos trabalhadores independentes e remotos, dos 7 artigos selecionados, 6 deles trazem resultados que mostram um cenário positivo, que corroboram com a expectativa, e 1 artigo expõe resultado positivo porém com ressalva (GANDINI, 2015). Dentre os resultados positivos, 3 pesquisas estão baseadas em entrevistas a gestores ou usuários, uma aplicação de questionários, e dois estudos de caso. Em resumo, os resultados das pesquisas estão elencados a seguir:

Quadro 10 – Principais resultados

Referência	Resultados
Spinuzzi (2012)	<p>Uma diversidade de atores (quem), objeto (o que) e resultado (porque) compõem o fenômeno coworking.</p> <p>Engloba duas categorias: bons vizinhos e bons parceiros.</p>
Rus e Orel (2015)	Espaços coworking são ideais para a classe criativa, pois oferece uma comunidade em que facilita a cultura do compartilhamento.
Merkel (2015)	<p>A atuação do anfitrião/gestor é de fundamental importância para o coworking acontecer.</p> <p>Em cada espaço compartilhado estratégias diferentes são aplicadas.</p>
Gandini (2015)	O coworking parece corresponder às expectativas dos profissionais, porém, não é possível afirmar se é uma alternativa perene. Pode se tratar de uma “bolha” na economia do conhecimento.
Bouncker e Reuschl (2016)	<p>Espaço coworking contribui para gerar o auto-emprego.</p> <p>A comunidade proporciona a aprendizagem, o que impulsiona o desempenho.</p>
Gerdenitsch et al (2016)	<p>A interação entre os usuários é uma forma de apoio social, que ocorre em 4 maneiras: interação social informal, troca de informações, apoio instrumental e colaboração.</p> <p>No coworking, apoio social está positivamente associado à satisfação com desempenho auto-avaliado.</p>
Kojo e Nenonen (2016)	Categorização feita usando dois eixos: modelo de negócios (com fins lucrativos ou sem fins lucrativos) e nível de acesso do usuário (público, semi-privado ou privado). Como resultado, foram identificadas seis tipologias de trabalho. O coworking possui fim lucrativo e varia em níveis de acesso.

Fonte: Elaborado pela autora, 2017.

Ao observar os dados gerados nos estudos mencionados, algumas questões valem ser destacadas. Rus e Orel (2015) apontam que uma possível fraqueza do espaço *coworking* está

na ‘sustentabilidade financeira’ em manter o local em funcionamento e Merkel (2015) alerta que o processo de elitização de bairros pode ser ruim para os espaços *coworking*, pois em consequência disso ser preciso aumentar o preço pelo usufruto e tornar caro frequentar a lugar. No entanto, no próprio artigo de Merkel (2015), como também do trabalho de Gandini (2015), relata o crescimento no número de espaços *coworking* após a recessão econômica global de 2007/2008, por conta do compartilhamento das despesas que acontece nesses lugares, vantajoso para os usuários e para aqueles que estão compartilhando o lugar, os anfitriões.

Outro ponto importante a ser observado está no questionamento de Gandini (2015), sobre como os usuários se sentem em um espaço de trabalho compartilhado. Se à vontade em comunidade, socializando profissionalmente, ou se entre concorrentes, ao lado profissionais da mesma área. Estes são aspectos que necessitam de mais pesquisas, a fim de serem explorados e esclarecidos.

4.3 COMO SECRETÁRIOS EXECUTIVOS PODEM APROVEITAR ESTE TIPO DE ORGANIZAÇÃO DE TRABALHO?

Os discursos sobre *coworking* e área secretarial tem algo em comum, ambos têm tratado sobre novas possibilidades de trabalho e também novos desafios. Então, é interessante questionar se estes dois contextos podem se combinar, como secretários executivos podem aproveitar este tipo de organização de trabalho?

Nesta pesquisa, não há a intenção de fazer afirmações, dada a natureza do estudo, mas relacionar a literatura dos dois temas e levantar algumas proposições pertinentes, as quais serão discutidas a seguir.

A atuação do profissional de secretariado mudou, e continua mudando, considerando a globalização e desenvolvimento tecnológico, transformando a forma de trabalhar, sendo possível o trabalho remoto (PAES et al., 2015). Este cenário pode trazer novos obstáculos (OLIVEIRA et al., 2017) e o *coworking* pode ser a solução.

Para a assessoria virtual, não é obrigatório ter equipamento de última geração. Importante que os secretários tenham o básico como telefone, computador, acesso à internet e domínio sobre essas tecnologias, no entanto pode utilizar de outras aparelhagens tecnológicas com a intenção de prestar o atendimento de qualidade (OLIVEIRA et al., 2017). Em espaços

coworking podem ser desfrutados equipamentos e conhecimentos compartilhados pela comunidade (BOUNCKER & REUSCHL, 2016).

Os secretários remotos participantes da pesquisa de Oliveira et. al. (2017) relataram o desafio de manter o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal. Pesquisas apontam que usuários de *coworking* tentaram trabalhar em *home office* ou cafeterias, mas não tiveram sucesso por conta das distrações e dificuldade de separar vida pessoal e profissional, encontraram no espaço compartilhado a resposta para o que precisavam, pois têm acesso a um lugar propício para o trabalho (SPINUZZI, 2012; MERKEL, 2015).

Além disso, assessores virtuais precisam de lugar propício para se concentrar e trabalhar com qualidade (OLIVEIRA et al., 2017), porém nem sempre os trabalhadores remotos conseguem essa tranquilidade em *home office*, eis a oportunidade trazida pelo *coworking*, proposta de ambiente profissional para este perfil de usuário, por se tratar de um espaço planejado para tal finalidade (SPINUZZI, 2012; MERKEL, 2015).

Outro ponto levantado no estudo de Oliveira et. al. (2017) é a instabilidade financeira apontada pelos secretários remotos como desvantagem em trabalhar de forma autônoma em comparação aos vínculos empregatícios tradicionais. Os espaços compartilhados podem oferecer um apoio no requisito financeiro, pois os usuários usufruem de ambiente profissional e dividem as despesas, reduzindo o custo entre eles (HECKLER, 2012; GANDINI, 2015).

Além destes aspectos, válido ressaltar que, ao trabalhar em *home office*, os trabalhadores remotos estão vulneráveis ao isolamento e à limitação do *networking* (SPINUZZI, 2015; GANDINI, 2015; BOUNCKER & REUSCHL, 2016), em razão disso pode ser melhor para os secretários remotos atuar em espaços *coworking*. Com isso poderão interagir com demais profissionais e ainda desfrutar do compartilhamento de conhecimentos e ideias ao participarem da comunidade (CAPDEVILA, 2014a; RUS & OREL, 2015).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa propôs despendar um olhar científico sobre o *coworking*, a fim de compreender melhor este fenômeno. Por conta disso, buscou-se mapear as abordagens sobre o *coworking* na literatura, que foi executado em estudo bibliográfico, através da revisão sistemática.

Primeiramente, foi feito o levantamento dos estudos que trabalharam o tema. Nas bases de dados escolhidas (Portal de Periódicos CAPES, a plataforma da EBSCO Search e o diretório de publicações da Wiley), foram realizadas as buscas e aplicados os critérios de inclusão e qualificação para selecionar as obras pertinentes a esta pesquisa. Sete artigos selecionados, sendo uma publicação de 2012, três de 2015 e três de 2016. Obras originadas em nacionalidades diferentes, porém notou-se maior produção na Europa.

Quanto às características, foram seis obras qualitativas e um artigo quantitativo e qualitativo. Sobre a natureza das pesquisas, com base nos objetivos, observou-se, na maioria, a intenção exploratória e descritiva. Considerando a quantidade de obras e o teor destas pesquisas, nota-se a carência de estudos sobre o assunto (CAPDEVILA, 2014b; GERDENITSCH et al., 2016).

Buscou-se identificar as principais teorias adotadas para compreender o *coworking*. Em cada obra, uma teoria diferente foi aplicada. Não foi apontada nenhuma teoria formulada a partir do *coworking*, isso indica a falta de embasamento teórico consistente acerca do tema nos artigos encontrados. Observando o enfoque das pesquisas, nota-se que um fator foi levado em consideração por todos os autores: a questão da necessidade das pessoas que utilizam os espaços *coworking*. Foi dada atenção a esse quesito em todos os estudos localizados nesta busca, seja a necessidade em aspecto social, econômico ou profissional.

Em relação aos principais conceitos criados para o *coworking*, uma multiplicidade de definições foi coletada, sendo considerado como espaço, prática ou oferta; diversidade nas tipificações de interação dos usuários e configuração dos lugares. No entanto, também houve pontos comuns quando os autores se referem ao compartilhamento em suas diferentes maneiras, à colaboração e a apresentação do *coworking* como terceira opção ou espaço alternativo. Importante lembrar que o conceito está sujeito a mudanças (MERKEL, 2015).

Dentre os principais resultados destes estudos, depreende-se que existe diversidade em relação ao conceito, perfil do usuário, razão em escolher o *coworking* (SPINUZZI, 2012) e nível de acessibilidade (KOJO e NENONEN, 2016), que espaços compartilhados são ideais para a classe criativa de trabalhadores (RUS e OREL, 2015) e a atuação do gestor nesses lugares é fundamental (MERKEL, 2015). Porém, é preciso ter atenção em relação à possível efemeridade desse fenômeno (GANDINI, 2015).

Também é possível compreender que o *coworking* contribui para gerar o auto emprego, que a comunidade proporciona a aprendizagem, impulsionando o desempenho do trabalhador (BOUNCKER E REUSCHL, 2016) e a interação entre os usuários é uma forma de apoio social (GERDENITSCH et al., 2016).

Sobre a possível relação entre secretariado executivo e *coworking*, percebem-se pontos comuns na literatura dos temas, pois ambos têm tratado sobre novas possibilidades de trabalho e novos desafios, considerando a globalização e avanços tecnológicos. Para as possíveis dificuldades relacionadas a produtividade, finanças, equilíbrio entre vida profissional e pessoal e manutenção de *networking* na rotina do secretário remoto, os espaços *coworking* podem proporcionar as soluções.

O presente trabalho limita-se a estudo bibliográfico, sem ida a campo, por isso provavelmente não trará respostas a muitos questionamentos que possam surgir sobre o tema, porém pretende servir de subsídio para demais pesquisas. Além disto, buscas executadas em outras bases de dados, com diferente recorte temporal e outros métodos podem trazer resultados diferentes.

Sugere-se para pesquisas futuras, um estudo referente à produtividade dos usuários do *coworking* comparada a dos trabalhadores de ambientes tradicionais, a fim de perceber os benefícios prometidos pelos espaços compartilhados nos resultados da comunidade. Também uma investigação referente à gestão e funcionamento dos espaços *coworking* que possa inferir a questão da sustentabilidade financeira desses lugares.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, C. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em questão** (UFRGS), Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32. jan./jun., 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/16/5>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

ATALLAH, N.A.; CASTRO A.A. Revisões sistemáticas da literatura e metanálise: a melhor forma de evidência para tomada de decisão em saúde e a maneira mais rápida de atualização terapêutica. **Diagnóstico & Tratamento**, São Paulo, v.2, n.2, p.12-15, 1997. Disponível em: <http://www.centrocochranedobrasil.com.br/cms/apl/artigos/artigo_530.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2017.

BONZANINI, S. H. S. O profissional de Secretariado Executivo nas relações internacionais. **Revista de Gestão e Secretariado**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 143-162, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/28/86>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

BOTELHO, L. L. R., CUNHA, C. C. de A.; MACEDO, M. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade** (UFMG), Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 121-136, mai./ago. 2011. Disponível em: <<https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1220/906>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

BOUNCKEN, R. B.; REUSCHL, A. J. *Coworking-spaces: how a phenomenon of the sharing economy builds a novel trend for the workplace and for entrepreneurship*. **Review of Managerial Science**, [S. l], set. 2016. Não paginado. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s11846-016-0215-y>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

CAPDEVILA, I. *Knowledge dynamics in localized communities-Coworking spaces as microclusters*. **SSRN Electronic Journal**, [S. l], p. 1-18, jan. 2014a. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/269401075_Knowledge_Dynamics_in_Localized_Communities_Coworking_Spaces_as_Microclusters>. Acesso em: 20 jul. 2016.

CAPDEVILA, I. *Different Inter-Organizational Collaboration Approaches in Coworking Spaces in Barcelona*. **SSRN Electronic Journal**, [S. l], p. 1-30, ago. 2014b. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2502816>. Acesso em: 20 jul. 2016.

CONFORTO, E. C.; AMARAL, D. C.; SILVA, S. L. da. Roteiro para revisão bibliográfica sistemática: aplicação no desenvolvimento de produtos e gerenciamento de projetos. In:

CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO DE DESENVOLVIMENTO DE PRODUTO, 8., 2011. Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <<http://vision.ime.usp.br/~acmt/conforto.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2017.

CORDEIRO, A. M. et al. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do colégio brasileiro de cirurgiões**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, p. 428-431, nov./dez., 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcbc/v34n6/11.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

COWORKING WIKI. *What is coworking?* Disponível em: <<http://wiki.coworking.org/w/page/16583831/FrontPage>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

DALFOVO, M. S.; LANA, R. A.; SILVEIRA, A. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.academia.edu/7479379/Metodos_quantitativos_e_qualitativos_um_resgate_teorico>. Acesso em: 09 jul. 2017.

DESKMAG. *The History Of Coworking In A Timeline*. 2013. Disponível em: <<http://www.deskmag.com/en/the-history-of-coworking-spaces-in-a-timeline>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

FERENHOF, H. A.; FERNANDES, R. F. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SSF. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 550-563, ago./nov., 2016. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1194/pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

FONTELLES, M. J. et al. Metodologia da pesquisa científica: diretrizes para a elaboração de um protocolo de pesquisa. **Revista Paraense de Medicina**, Belém, v. 23, n. 3, 2009. Não paginado. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/0101-5907/2009/v23n3/a1967.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2017.

GANDINI, A. *The rise of coworking spaces: A literature review*. **Ephemera: theory & politics in organization**, [S. l], v. 15, n. 1, p. 193-205, 2015. Disponível em: <<https://search.proquest.com/openview/d98c2f6855476006214f65eaea61d146/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1806338>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

GERDENITSCH, C. et al. *Coworking spaces: A source of social support for independent professionals*. **Frontiers in psychology**, [S. l], v. 7, p. 1-12, abr. 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Cornelia_Gerdenitsch/publication/301645171_Coworking_Spaces_A_Source_of_Social_Support_for_Independent_Professionals/links/572759e508aef9c00b8b44e5/Coworking-Spaces-A-Source-of-Social-Support-for-Independent-Professionals.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2017.

GUEDES, Vânia L.S.; BORSCHIVER, Suzana. Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. In: **ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**, 6., 2005, Salvador/BA. Anais...Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2005. Disponível em: <http://www.cinformato-antiores.ufba.br/vi_anais/docs/VaniaLSGuedes.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2017.

HECKLER, H. **Pesquisa de comportamento de consumo de escritórios *coworking***. 2012. 90 p. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Administração)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

KOJO, I; NENONEN, S. *Typologies for co-working spaces in Finland—what and how?* **Facilities**, Espoo, v. 34, n. 5/6, p. 302-313, 2016. Disponível em: <<http://www.emeraldinsight.com/doi/full/10.1108/F-08-2014-0066>>. Acesso em: 03 maio 2017.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T.. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katálysis** (UFSC), Florianópolis, v. 10, p. 37-45, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0410spe.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

MERKEL, J. *Coworking in the city*. **Ephemera: theory & politics in organization**, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 121-139, 2015. Disponível em: <<https://search.proquest.com/openview/c2c53aa22159771909baa7070741263a/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1806338>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.org/pdf/csc/2012.v17n3/621-626/pt>>. Acesso em 28 mar.2017.

OLIVEIRA, A. M. de et al. Secretariado remoto: é possível conciliar a vida profissional com a vida pessoal? **Revista Expectativa** (UNIOESTE), Toledo, v.16, n. 16, p. 1-19, jan./jun., 2017. Disponível em: <<http://saber.unioeste.br/index.php/expectativa/article/view/15864/11734>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

PAES, R. V. O. et al. Novas Formas de Atuação do Profissional de Secretariado Executivo. **Revista de Gestão e Secretariado**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 99-125, jan./abr. 2015. Disponível em: <https://www.revistagesec.org.br/secretariado/article/view/318/pdf_64>. Acesso em: 26 dez. 2017.

PEREIRA, A. L.; BACHION, M. M. Atualidades em revisão sistemática de literatura, critérios de força e grau de recomendação de evidência. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 27, n. 4, p. 491-498, dez., 2006. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/4633/2548>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In: LONGARAY, A. A.; BEUREN, I. M. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas, 2003. cap. 03, p. 76-97. Disponível em: <http://www.geocities.ws/cienciascontabeisfecea/estagio/Cap_3_Como_Elaborar.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2017.

RUS, A.; OREL, M. *Coworking: a community of work*. **Teorija in Praksa**, Liubliana, v. 52, n. 6, p. 1017-1038, 2015. Disponível em: <http://dk.fdv.uni-lj.si/db/pdfs/TiP2015_6_RusOrel.pdf>. Acesso em: 07 set. 2017.

SABINO, R. F.; MARCHELLI, P. S. O debate teórico-metodológico no campo do secretariado: pluralismos e singularidades. **Cadernos Ebape. BR**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, p. 607-621, dez. 2009. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernosebape/article/view/5132/3866>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

SANTOS, R. N. M. dos; KOBASHI, N. Y. Bibliometria, cientometria, infometria: conceitos e aplicações. **Pesquisa brasileira em ciência da informação**. Brasília, v. 2, n. 1, p. 155-172, jan./dez., 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/10089/BIBLIOMETRIA%20CIENTOMETRIA%20INFOMETRIA_CONCEITOS%20E%20APLICACAO%20S.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 30 mar. 2017.

SILVEIRA, D. T.; CORDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. cap. 02, p. 31-42. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2017.

SOUZA, R. A. de L. e. O profissional do secretariado e seus desafios no contexto da sociedade globalizada. **Secretariado Executivo em Revist@** (UPF), Passo Fundo, v. 6, 2010. Não paginado. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/ser/article/view/2099/1315>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

SPINUZZI, Clay. *Working alone together: Coworking as emergent collaborative activity*. **Journal of Business and Technical Communication**, [S. l], v. 26, n. 4, p. 399-441, 2012. Disponível em: <<https://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/28331/SpinuzziWorkingAloneTogether.pdf?sequence=3>>. Acesso em: 12 abr. 2017.

VERGARA, S. C. Tipos de pesquisa em administração. **Cadernos EBAP** (FGV), Rio de Janeiro, n. 52, p. 01-09, jun. 1990. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/12861/000055299_52.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 jul. 2017.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de estudo e de pesquisa em administração**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2009. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/32997779/Metodologia_GPM_Miolo_Online.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1517069533&Signature=gAHHmUff6UmySUw7xAvT9xheIOY%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DMETODOLOGIA_DE_ESTUDO_E.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2017.